

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Gestão de Negócios

**GESTÃO DA CULTURA DE PAZ E DA NÃO
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS:
UM ESTUDO DE CASO**

Helena Beatriz Xavier Lourenço

Santos

2010

Helena Beatriz Xavier Lourenço

**GESTÃO DA CULTURA DE PAZ E DA NÃO
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS:
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada a Banca de
do Programa de Mestrado de Gestão
de Negócios da Universidade Católica
de Santos, como requisito para
obtenção do grau de Mestre em
Administração.

Área de Concentração: Organização e
Gestão

Orientador: Prof. Dr. Luciano Prates Junqueira

Universidade Católica de Santos
Mestrado em Gestão de Negócios

Santos

2010

Dados Internacional de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos – UNISANTOS
SibiU

L586g LOURENÇO, Helena Beatriz Xavier
Gestão da Cultura de Paz e da Não Violência nas Escolas: um estudo de caso / Helena Beatriz Xavier Lourenço – Santos: [s.n.] 2010.
126 f.; 30 cm. (Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Santos, Programa em Gestão de Negócios)

I. LOURENÇO, Helena Beatriz Xavier. II. Título.

CDU 65.01 (043.3)

**GESTÃO DA CULTURA DE PAZ E DA NÃO
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS:
UM ESTUDO DE CASO**

Esta dissertação é dedicada
Ao Ynel, meu companheiro de todas as horas,
pela paciência e compreensão;
A minha mãe, Núbia, que criou as condições
necessárias para que eu chegasse até aqui,
com palavras de otimismo e dando um exemplo
de vida e de determinação;
As minhas filhas, Patrícia e Paola, e ao Miguel,
meu filho-genro, pelo carinho e apoio;
A Luna Beatriz, minha netinha, que com sua
pouca idade tornou-se minha alegria e fonte de
energia para finalizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Luciano A. Prates Junqueira, que incentivou e apoiou na construção deste trabalho, sempre com palavras de incentivo e de reconhecimento;

Aos professores do Programa de Mestrado em Gestão de Negócios, que proporcionaram conhecimento, ensinando-me a refletir, organizar as idéias e escrever;

Aos funcionários da Secretaria do Mestrado, pela competência e profissionalismo em seu atendimento, em especial à Cátia e à Mônica;

Aos voluntários da ABraSOFFA, os amarelinhos, pela sua alegria, dedicação e carinho com as crianças que participam do Projeto Paz na Ponta do Giz, em especial a Maria Tereza Reipert, Ana Caroline Correia Batista e a Jéssica Souza Domingos, e aos membros da Rede Social de Santos;

Aos colegas do Mestrado que se tornaram amigos, pela ajuda, amizade, troca de experiências e apoio ao meu trabalho;

Aos amigos (Alicia Cabezudo, David Adams, Cristine Calvim, Dina Rodriguez, Lia Diskin, Magnus Haavelsrud, Marcus Estrada, Renata Cueto, Roberto Macip, Sueli Periotto, Hanz Holtz, Regina Braghetto, Jorge Duarte), palestrantes que participaram do Congresso Mundial da Paz nas Américas e que colaboraram com suas observações, reflexões, projetos, teses e livros, acerca da Cultura de Paz e da Não Violência, defendida por eles ao longo de suas vidas.

RESUMO

A gestão é uma ferramenta para a construção e qualificação da educação. Esse é um processo coletivo de transformação, que se dá por meio da aprendizagem. É necessário que haja diálogo e respeito às práticas da gestão que tem como objetivos gerar mudanças dentro e fora da escola. Esse processo envolve o corpo docente, o técnico-administrativo, os alunos e a comunidade do entorno da escola, com isso a escola poderá tornar sua gestão eficaz, e construindo uma aprendizagem com a participação dos diversos atores. É neste momento que a cultura de paz passa a ter um papel tanto no aprendizado da escola, utilizando novas ferramentas e técnicas, que contribuam para a redução diminuição da violência. Essa dissertação resulta de um trabalho junto a Escola Pedro Crescenti, escola pública, que se localiza na Av. Brigadeiro Faria Lima, s/n no Jardim Rádio Clube, cujo objetivo é avaliar a gestão do projeto “Cultura de Paz nas Escolas”. A Escola vem enfrentando problemas com alguns dos alunos que a freqüentam, isso ocorre em função, principalmente, do desajuste familiar e social. A agressividade, a violência e a falta de respeito é uma prática dos alunos da faixa etária de 04 a 13 anos. A grande maioria das crianças é proveniente do Dique, região conhecida por suas palafitas e pela extrema pobreza. Foram realizados projetos pela escola a fim de minimizar os problemas que a escola e os pais enfrentam. Nesse sentido que surgiu a realização do projeto “Paz na Ponta do Giz”, um dos mecanismos que a escola encontrou para buscar a diminuição dos problemas que ocorrem no seu interior. É nesse sentido que se propõe realizar um projeto para obter uma diminuição da violência nas escolas, analisando as oficinas da cultura de paz, que foram realizadas a partir do projeto “Gestão da Cultura de Paz e da Não Violência: Uma contribuição para a diminuição da violência nas escolas”, este projeto iniciou, em 2006, pela ABraSOFFA, uma instituição do terceiro setor. Foram realizadas oficinas na Escola Pedro Crescenti e analisados os resultados de 16 alunos de 04 a 13 anos, a partir de análise de desenhos e questionários onde mostrou-se que a paz é um conceito distante da realidade desta escola, mas com a aplicação de oficinas e intervenção interdisciplinar, pode-se modificar esse quadro, sendo a gestão da escola um meio de evidenciar a cultura de paz como solução aos problemas educacionais e sociais.

Palavras-chave: Projeto. Cultura de paz. Gestão. Educação. Sociedade.

ABSTRACT

The management is a tool for the construction and upgrading of education. This is a collective process of transformation that occurs through learning. We need dialogue and respect the practices of management that aims to bring about change within and outside the school. This process involves the faculty, the technical and administrative staff, students and the community around the school, so that the school could make its effective management and building a learning with the participation of different actors. That is where the culture of peace is given a role in learning from school, using new tools and techniques that help reduce violence reduction. This thesis results from working with the School Peter Crescenti, public school, located at Avenida Brigadeiro Faria Lima, s / n in the Garden Radio Club, which aims to assess the management of the project "Culture of Peace in Schools". The school has faced problems with some of the students who attend, this is a function mainly of family and social maladjustment. Aggression, violence and lack of respect is a practice full of students between 04 and 13 years. The vast majority of children are from the Dock, a region known for its stilts and extreme poverty. Projects were carried out by the school in order to minimize the problems that schools and parents face. In that sense we came to realize the project "Peace on the Chalk Point, one of the mechanisms that the school met to seek the reduction of problems that occur within it. That is why it proposes to perform the project for a reduction of violence in schools, workshops examining the culture of peace, which were made from the project "Management of Culture of Peace and Nonviolence: A contribution to the reduction of violence in schools, this project started in 2006 by ABraSOFFA, an institution of the third sector. Workshops were conducted at the school Peter and analyzing the results of 16 students from 4 to 13 years, from analysis and design questionnaires to show that peace is a concept far removed from reality this school, but with the implementation of workshops and interdisciplinary intervention, you can change this picture, and the school management is a means to highlight the culture of peace as a solution to social and educational problems.

Keywords: Project. Culture of peace. Management. Education. Society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Processo de arbítrio cultural e violência simbólica	24
Figura 2. Dique da Vila Gilda	38
Figura 3. Localização do Dique na Zona Noroeste em Santos.....	39
Figura 4. O que os alunos acreditam ser paz	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição das crianças por idade	104
Gráfico 2. O que as crianças gostam de fazer em casa	105
Gráfico 3. O que as crianças gostam de fazer na escola	106
Gráfico 4. O que querem aprender na escola.....	107
Gráfico 5. Quem são seus amigos.....	108
Gráfico 6. O que não gostam na escola	109
Gráfico 7. O que mais gosta na escola.....	110
Gráfico 8. Quais oficinas mais gostou	111
Gráfico 9. O que os alunos acreditam ser paz.....	112
Gráfico 10. Diagnóstico da pesquisa quanto a violência ou paz.....	115

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Escala de comportamento dos alunos segundo professores..... 51

Tabela 2. Classificação da criança frente as dimensões de comportamento violento
..... 114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
OBJETIVOS	20
Objetivo Geral	20
Objetivos Específicos	20
CAPÍTULO I	21
CULTURA DE PAZ: VIOLÊNCIA E NÃO VIOLÊNCIA NA ESCOLA	21
1.1 CULTURA DE PAZ E DA NÃO VIOLÊNCIA	27
CAPÍTULO II	32
AÇÕES CONTRA A VIOLÊNCIA	32
2.1 EXEMPLOS DE PROJETOS PARA O COMBATE A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	34
CAPÍTULO III	38
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 AVALIAÇÃO DOS ALUNOS ANTES DE REALIZAR AS OFICINAS	43
3.2 REALIZAÇÃO DAS OFICINAS	44
3.3 CONTEÚDO DAS OFICINAS	45
3.3.1 Oficina Contador de Histórias	45
3.3.2 Origami (dobradura de papel)	46
3.3.3 Pipa	46
3.3.4 Oficina com Argila	46
3.3.5 Colcha de Retalhos Aquecendo a Paz	47
3.3.6 Oficina de Rádio	47
3.3.7 Oficina de Televisão	47

3.3.8 Sonhos pela paz	47
3.3.9 Varal da Paz.....	48
3.3.10 Muro da Paz.....	48
3.3.11 Oficina Bairro Real e Bairro Ideal.....	48
3.3.12 Linguagem dos Sinais (oficina de libras)	48
3.3.13 Oficina Pão pela Paz.....	49
3.3.14 Correio da Paz.....	49
3.3.15 Oficina de Desenhos	49
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	50
CAPÍTULO IV	54
RESULTADOS DA PESQUISA	54
4.1 ANÁLISE DOS DADOS	57
4.1.1 Desenhos	57
4.1.1.1 Caso 1	57
4.1.1.2 Caso 2	61
4.1.1.3 Caso 3	63
4.1.1.4 Caso 4	67
4.1.1.5 Caso 5	73
4.1.1.6 Caso 6	76
4.1.1.7 Caso 7	79
4.1.1.8 Caso 8	83
4.1.1.9 Caso 9	85
4.1.1.10 Caso 10	87
4.1.1.11 Caso 11	89
4.1.1.12 Caso 12	92

4.1.1.13 Caso 13	95
4.1.1.14 Caso 14	97
4.1.1.15 Caso 15	99
4.1.1.16 Caso 16	100
4.1.2 Análise dos Questionários	103
4.1.3 Análise das Oficinas	110
4.1.3.1 Comportamento dos alunos na ótica dos professores	113
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
APÊNDICE A	125
QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES	125
APÊNDICE B	126
QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS	126

INTRODUÇÃO

No dicionário Houaiss, encontramos a violência definida como "ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força, cerceamento da justiça e do direito, coação, opressão, tirania".

O conceito tem sido amplamente discutido na ótica de Diskin (2009), Adams (2009) e Cabezudo (2010).

A violação dos direitos humanos passa pela desigualdade, pobreza, injustiça social e, nos últimos anos, a violência, em sua manifestação social, teve um crescimento estrondoso, afetando inúmeras pessoas, principalmente as crianças e jovens. Esta violência tem se manifestado pelos assaltos, furtos, o tráfico de drogas, as gangs, assassinatos. Estudos vêm sendo realizados por instituições filantrópicas, por exemplo, Rotary, e outras instituições, como: Núcleo de Estudos sobre Violência (NEV) da Universidade de São Paulo, o Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES), da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz e Associação pela Paz e Estudos da Violência (APEV). A violência atinge de forma drástica os nossos jovens nas grandes cidades, gerando um clima de insegurança que advém de inúmeros fatores como a pobreza, a falta de trabalho, a falta de estudo, a droga, a falta de capacitação profissional. Isso tem ocasionado consequências para sua inserção no mercado de trabalho. A impunidade, os conflitos domésticos enfim tudo isso assusta e faz com que os jovens cada vez mais se sintam perdidos no contexto em que vivem.

Muitos autores, como Anna Freud (1971, p.162) afirmam que a violência surge quando o equilíbrio interno da pessoa é perturbado e a personalidade é afetada,

tudo isso tendo a ver com a socialização e principalmente quando existe uma interferência dos vínculos emocionais com os pais, como rejeições ou ambientes desintegrados.

Já o autor Arregi Goenaga (1998, p.50) é de opinião que quanto mais houver ações de igualdade, atos solidários, pode haver uma diminuição da violência. Acreditava que o aumento da densidade demográfica, o desenvolvimento social, cultural e econômico de uma sociedade podem contribuir para as desigualdades sociais.

Se a violência destrói a harmonia, nas formas física ou moral, podemos dizer que ela ameaça a vida das pessoas e chega a mudar a imagem da sociedade, causando estragos que a deixam doente se não houver uma união de esforços, da família, escola e trabalho, com isso ocorrendo uma degeneração social e humana.

Começam a surgir atos violentos na sociedade brasileira, muitos deles apoiados por crenças e valores que fazem surgir maus exemplos que, para alguns indivíduos, estão corretos dentro de sua realidade, mas prejudicando iniciativas com relação a Educação para a Paz, sugerindo a necessidade de mobilização, onde deve-se rebelar contra o que está surgindo.

E esta violência tem atingido as escolas de uma forma bastante expressiva. A miséria que cerca um número expressivo de escolas contribui de maneira significativa, para o aumento da violência. A escola tem uma parte fundamental na construção de um ambiente de valores éticos de respeito e de disciplina onde a escola pode deter a violência interna e externa, sendo um dos espaços mais privilegiados para adoção da cultura de paz.

Muitas vezes uma indisciplina mal resolvida pode gerar um comportamento agressivo onde o aluno desafia à ordem e à hierarquia, desrespeita professores,

funcionários e alunos, produzindo um ambiente violento. A relação entre aluno e escola sofre muitas fases ao longo do tempo. Os primeiros anos são agradáveis, onde ir para a escola é um prazer, é onde estão os amiguinhos, onde estão as brincadeiras e onde existem laços mais afetivos entre professores e alunos, mas com o passar do tempo, estes laços se perdem e começa a existir um relacionamento mais formal, que contribui para mudar as relações entre professores e alunos. Além disso, a troca de professores acirra essas contradições.

O panorama não é animador, pois cada vez mais os professores se afastam dos alunos que vêm de famílias com problemas e, com isso, a indisciplina, violência e desrespeito são maiores. É a escola que pode prevenir e organizar-se em conjunto com os professores, pais, funcionários e alunos para discutirem e refletirem sobre os problemas de abandono, indisciplina e violência.

Sabe-se que a família serve de modelo de conduta e que as crianças acabam exteriorizando a violência doméstica, o alcoolismo, a tóxico-dependência, promiscuidade, ausência de valores, que deterioram o ambiente onde esta criança vive e que ela traz para a escola. Muitos pais não sabem lidar com os problemas e por isso acusam os professores de não saberem lidar com as crianças e jovens, passando essa agressividade para os seus filhos, transferindo responsabilidades. Com isso, a escola acaba sofrendo com a revolta da criança que se volta contra os professores mostrando a sua insatisfação. Fazem do ambiente escolar um meio para descarregar sua agressividade, tornando-a marginalizada e excluída socialmente.

O que se nota nesta situação é que a escola não está preparada para enfrentar esses problemas, quando reúne os pais, os conflitos ampliam e, muitas vezes, geram descontentamento.

Hoje a escola necessita de políticas públicas que façam uma reavaliação de conceitos e de posturas, pois o papel dos educadores e dos pais sofreu uma transformação ao longo dos últimos anos, o que exige reestruturação e posicionamento para enfrentar os problemas do cotidiano. Os problemas passam pelos pais que trabalham durante todo o dia, professores mal remunerados e filhos agressivos que levam para a escola os seus problemas, encontrando professores mal preparados para enfrentarem a situação problemática. A violência se instalou de uma forma expressiva, os professores, funcionários e alunos passam por um tipo de violência, nem sempre física, mas verbal ou moral.

Por isso é importante intervenção da sociedade para que haja transformação no ambiente escolar, onde ações preventivas sejam tomadas com a execução de programas específicos para desenvolver a auto-estima e a cidadania, o respeito a valores e normas, buscando a transformação do comportamento.

Assim a escola também terá que se transformar, mudar seus conteúdos, aproximar-se mais das famílias, ter sua função voltada para valores éticos, agindo conforme os estímulos da sociedade, que relega a um segundo plano.

Essa dissertação resulta de um trabalho junto a Escola Pedro Crescenti, escola pública, que se localiza na Av. Brigadeiro Faria Lima, s/n no Jardim Rádio Clube. Em 19 de agosto de 1976 iniciou suas atividades, com o nome de Escola Estadual de Primeiro Grau Jardim Rádio Clube, mas, em 05 de janeiro de 1977, passou a chamar-se Pedro Crescenti, em homenagem a um professor da cidade de Descalvado, no interior paulista e que foi professor durante 20 anos, do Instituto Dona Escolástica Rosa na cidade de Santos.

A Escola vem enfrentando problemas com alguns dos alunos que a freqüentam, isso ocorre em função, principalmente, do desajuste familiar e social devido a realidade social de violência a que estão sujeitos.

A agressividade, a violência e a falta de respeito é uma prática dos alunos da faixa etária de 4 a 13 anos. A grande maioria das crianças é proveniente do Dique, região conhecida por suas palafitas e pela extrema pobreza. Muitos projetos foram realizados pela escola a fim de aproximar os pais, visando minimizar os problemas que a escola e os pais enfrentam. Nesse sentido que surgiu a realização do projeto “Paz na Ponta do Giz”, um dos mecanismos que a escola encontrou para buscar a diminuição dos problemas que ocorrem no seu interior, pois é na escola que estão os educadores, e eles precisam de competências e firmeza para enfrentar a violência que atinge a escola.

Os gestores escolares têm que tomar consciência do que ocorre no interior e exterior da escola, tomando medidas para inibir essa situação e desenvolver projetos que propõem combater a discriminação, as injustiças e o preconceito. Esses projetos passam pela conscientização dos professores do seu papel, que ultrapassa a sala de aula, para atingir a família e os jovens.

Esses projetos interferem na gestão da escola, tornando-a eficaz e melhorando seu desempenho e diminuindo a violência, por um melhor rendimento dos alunos e pela redução da evasão escolar, fazendo com que os alunos possuam comprometimento com a ética e a cidadania.

A gestão é uma ferramenta para a construção e qualificação da educação. Esse é um processo coletivo de transformação, que se dá por meio da aprendizagem. É necessário que haja diálogo e respeito às práticas da gestão que tem como objetivos gerar mudanças dentro e fora da escola. Esse processo envolve

o corpo docente, o técnico-administrativo, os alunos, o território do entorno da escola e demais políticas públicas, com isso a escola poderá tornar sua gestão eficaz, e construindo uma aprendizagem com a participação dos diversos atores.

É neste momento que a cultura de paz passa a ter papel na escola, utilizando novas ferramentas e técnicas, que contribuam para a redução da diminuição da violência e práticas de aprendizado para administrar conflitos. As pessoas podem aprender com os conflitos sem recorrer à violência, pois é na escola que se pode encontrar valores como a democracia, direitos humanos e a diversidade cultural, que favorecem uma gestão solidária e eficaz.

No artigo 1 do Ato Constitutivo da UNESCO é dito que a sua variedade de tarefas, constitui uma missão para a construção da paz.

O propósito da organização é contribuir para a paz e a segurança, promovendo cooperação entre as nações por meio da educação, da ciência e da cultura, visando favorecer o respeito universal à justiça, ao estado de direito e aos direitos humanos e liberdades fundamentais afirmados aos povos do mundo, sem distinção de raça, sexo, idioma ou religião (UNESCO, 1989).

O foco principal para a construção de cultura de paz é a educação, que é um processo cultural no qual a sociedade está totalmente imersa. Há tendência nas comunidades de elevado número de mortes, seja por motivos de ociosidade, seja pela falta de opções em atividades esportivas, de cultura e lazer. Os alunos, que convivem no espaço da escola, compartilham olhares e palavras. Isso, no entanto, não significa a ausência de problemas, de conflitos, pois as crianças manifestam comportamentos inadequados (produto da sociedade em que vivem) que exigem a ação de governos, pais, educadores e alunos. A violência surge em várias situações e para isso a mobilização comunitária é primordial para obter resultados eficientes e transformadores em prol dos jovens.

É nesse sentido que se propõe realizar, nesta dissertação, a análise de um projeto de gestão para obter diminuição da violência nas escolas, analisando as oficinas da cultura de paz, que foram realizadas a partir do projeto “Gestão da Cultura de Paz e da Não Violência: Uma contribuição para a diminuição da violência nas escolas”, iniciado em 2006, pela ABraSOFFA.

A dissertação organiza-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo aborda-se a cultura de paz, a violência e a não violência; no segundo capítulo trata-se das ações de não violência; o terceiro capítulo explana sobre a metodologia utilizada para a pesquisa e o quarto capítulo mostra os resultados da pesquisa de campo na escola Pedro Crescenti.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Avaliar a Gestão do projeto Cultura de Paz nas Escolas.

Objetivos Específicos

1. Avaliar os resultados da aplicação das oficinas nas escolas para a redução da violência;
2. Avaliar o comportamento dos alunos após a participação nas oficinas.

CAPÍTULO I

CULTURA DE PAZ: VIOLÊNCIA E NÃO VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência vem sendo discutida entre estudiosos do assunto (ADAMS, 2009a, 2009b, 2008; WEBEL E GALTUNG, 2007; WEIL, 2007), pois este tema é bastante complexo. A violação dos direitos humanos passa pela desigualdade, pobreza, injustiça social e nos últimos anos a violência teve um crescimento expressivamente ascendente e tem afetado inúmeras pessoas, principalmente as crianças e jovens. Esta violência social tem se manifestado de diferentes formas como, por exemplo, pelos assaltos, furtos, o tráfico de drogas, as gangs, assassinatos.

Para Rosa e Brito (2007), a violência pode ser definida como um impulso ou movimento, cuja força é dotada de intensidade e irresistibilidade variáveis que garantem a esta força uma capacidade mínima de coerção, de penetração, de vencimento de barreiras e de destruição, como condição para que seja concretizada.

De acordo com a Unesco (1989), a noção de violência é ambígua. Não existe uma violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro. A violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política. Na história da humanidade, tem-se revelado em manifestações individuais ou coletivas.

Na visão de Adorno (1994), a violência possui algumas características fortes. A primeira: quando se fala em direitos humanos e violência no Brasil, a primeira idéia que é a violência do crime comum, a violência do delinqüente, a violência do bandido, essa violência representada pelos furtos, roubos, estupros, crime organizado, narcotráfico e, embora essas sejam algumas das formas de violência

mais sistemáticas e cotidianas e, certamente, das mais significativas da sociedade contemporânea brasileira, não se pode reduzir a fenomenologia da violência ao crime comum. A segunda é o caráter costumeiro, institucionalizado e de imperativo moral, de que ainda se revestem as ações violentas da sociedade brasileira contemporânea. Essa característica sugere que a violência, no Brasil, não se restringe ao domínio do Estado. A terceira diz respeito ao fato de que as ações violentas não constituem privilégios de classes ou de grupos, embora sua funcionalidade se reporte às relações de poder estabelecidas de uma sociedade fraturada por extremas desigualdades sociais.

Os estudos que vêm sendo realizados, tais como o Mapa da Violência no município de Santos-SP, apontam que a violência atinge de forma drástica os jovens nas grandes cidades, gerando um clima de insegurança que advém de inúmeros fatores, tais como a pobreza, a falta de trabalho, a falta de estudo, a droga, a falta de capacitação profissional para inserir-se no mercado de trabalho, a impunidade, os conflitos domésticos enfim tudo isso assusta e faz com que os nossos jovens cada vez mais se sintam perdidos no contexto em que vivem, levando-os a um desinteresse por tudo que os cerca e ficando cada vez mais a mercê da violência.

Na pesquisa "Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil", analisam-se as causas de tantas mortes entre os jovens, chamando a atenção para a importância de políticas públicas para este segmento, bem como trabalhar algumas questões cruciais para que se possa reverter esta situação. O livro destaca que mais de 36 mil homicídios ocorrem com armas de fogo, apesar de que, em 2004, houve redução destes crimes e que, em alguns municípios onde faltam políticas públicas, isto tende a se agravar.

Em estudos realizados sobre o tema Violência, ganha destaque uma das causas, a desigualdade social entre as pessoas, que contribui significativamente para toda a violência em volta destes jovens. O mapa mostrou que as maiores vítimas estão entre 15 e 24 anos (na faixa dos 20 a 24 anos, as taxas atingem 65 homicídios a cada 100 mil jovens), do sexo masculino (92,1%) e negros (31,7 negros são vítimas de homicídios a cada 100 mil negros, enquanto na população branca a taxa é de 18,3 homicídios a cada 100 mil brancos) aqui se vê a desigualdade social e racial, que contribuíram para o aumento destes números.

Segundo a mesma pesquisa, o Brasil fica em quinto lugar no ranking mundial de taxas de óbito/ homicídio entre jovens desta idade e que os fatores analisados vão desde pobreza, a falta de mercado de trabalho para que este jovem tenha a sua inserção garantida. A violência nas escolas tem aumentado e vários fatores são apontados para este aumento, como a ausência cada vez maior da família na vida dos jovens, devido às exigências de trabalhar em períodos mais prolongados e que afastam os pais dos filhos, mudando os seus comportamentos e refletindo a tentativa de transferência de responsabilidade para o ambiente escolar.

A violência nas escolas pode ser causada tanto por fatores externos, quanto internos à unidade escolar. Os fatores externos dizem respeito a explicações de natureza socioeconômica como exacerbação da exclusão social, racial e de gênero; crescimento de grupos e gangues, tráfico de drogas; o colapso da estrutura familiar; falta de espaços para a socialização, dentre outros. Embora não sendo fenômeno exclusivo das escolas que atendem alunos de baixa renda, é aí que a violência se manifesta de modo mais agudo como questão social. Já os fatores internos referem-se a sistemas de normas e regulamentos, projetos político pedagógicos, relação professor/aluno, baixa qualidade do ensino, escassez de recursos (WESTIN et al., 2008, p.7).

Com relação à violência praticada no interior da escola, ou seja, a violência que se efetiva na prática cotidiana e no conjunto das relações sociais do aparelho

escolar, ainda são poucos os estudos que têm focalizado esta problemática no Brasil. Muitas pesquisas que têm tratado da temática da violência na escola, como nos estudos de SPÓSITO (1994), WHITAKER (1994), FUKUI, (1994), COLOMBIER (1989) e PERDRIault (1989), procuram analisá-la a partir de questões mais relacionadas à violência simbólica, à segurança da escola e, principalmente, à depredação e deterioração do patrimônio escolar.

Analisando a violência simbólica estrutural, Rosa e Brito (2007) consideram a sutileza da sua manifestação, a dependência com processos de legitimação instituídos e a vinculação com processos de dominação, assumimos que esta representação apresenta-se como a mais significativa no contexto organizacional moderno, conforme Figura 1.

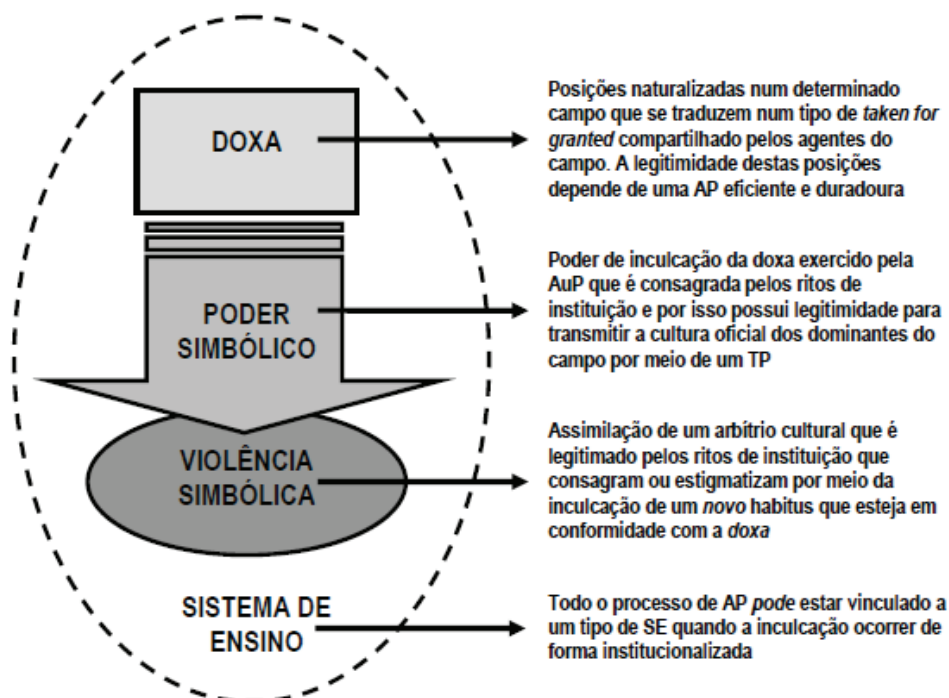


Figura 1. Processo de arbitrio cultural e violência simbólica
Fonte: Rosa e Brito (2007, p.8)

Na figura, as autores referem-se Ao fazer isso, a doxa como um espaço que naturaliza as posições e as torna senso comum, produzindo uma distribuição desigual de capital simbólico e legitimação da violência simbólica. Assim, a ordem dominante (doxa), a violência simbólica, é o resultado de uma ação pedagógica (AP) exercida por uma autoridade pedagógica (AuP) por meio de um trabalho pedagógico (TP) que pode ou não estar vinculado a um sistema de ensino (SE).

Com a figura, infere-se que a violência é um estado cultural que precisa ser estudado para se definir a cultura de paz, que significa mudar a perspectiva dos indivíduos e suas interações na sociedade visando a paz e, portanto, sendo um conceito subjetivo. A tendência é de se adotar novas práticas, novas concepções, pois o mundo está mudando e com ele a violência nas escolas passou a ser tema comum onde há necessidade de se ajustar comportamentos pessoais.

Com isso abre-se uma nova perspectiva, a de adotar-se a gestão participativa, com novos parceiros e com a comunidade, que é um elo importante dentro deste contexto. Não basta apenas dar aula, fazer cronogramas, corrigir provas, hoje faz-se necessária uma gestão eficaz e eficiente, para que seja a referência do aluno, da sua família e que construa cidadãos comprometidos com o mundo .

Fazer a diferença por meio de uma boa gestão comprometida com o seu entorno, trazendo a comunidade para dentro da escola, aproximando pais e filhos, proporcionando o resgate de valores, para que se fortaleça a identidade deste local, pode ser uma das atitudes a serem tomadas. Para tanto, é necessário espírito crítico deste gestor, que deverá adotar práticas empreendedoras, parcerias, criação de redes e conexões com a comunidade.

O alerta ao corpo docente sobre a importância de se trabalhar a cultura de paz, durante o ano letivo, gerando jovens multiplicadores da idéia de cultura de paz é uma das propostas do projeto.

O maior aliado da Cultura de Paz é a educação, pois é ela que tem acesso as crianças, aos jovens e aos educadores, é ela que ensina e mostra os valores necessários a este aprendizado. No relatório Educação: um tesouro a descobrir (1996) da Comissão Internacional de Educação pra o Século 21, presidida por Jacques Delors: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver junto” e “aprender a ser” é baseado nos quatro pilares do conhecimento, onde a educação segue ao longo de toda uma vida.

Tendo em vista a disposição da UNESCO de estabelecer um sistema educacional voltado para os direitos humanos, a democracia, a cidadania e questões ligadas à paz, vários projetos foram lançados como a criação de cátedras sob a paz em mais de vinte e cinco países africanos, Europa, Estados Árabes e na América Latina, além de pesquisas, produções literárias, programas de treinamento, distribuição de material didático entre outras.

O gestor educacional pode praticar uma série de atividades que promovam a criatividade, desenvolvendo o protagonismo juvenil, despertando lideranças, que mostrem alternativas inteligentes de combate à violência e que possa atingir a família e a comunidade, integrando-as neste processo.

Podem ser realizadas oficinas e projetos de forma contínua, promovendo a socialização e praticando mensagens de não violência, com a construção de um ambiente favorável para a criação de uma Cultura de Paz, pode ser o papel da Gestão nas Escolas e com isso contribuir para a diminuição da violência.

1.1 CULTURA DE PAZ E DA NÃO VIOLÊNCIA

Há um reconhecimento da importância da paz no mundo, a dimensão da palavra é bem maior do que se apregoa, pois ela envolve temas como os direitos humanos, a violência infantil, as questões indígenas, o meio ambiente, a preservação da cultura, enfim temas primordiais que envolvem a sociedade como um todo.

No final da segunda guerra mundial, houve a criação da UNESCO e uma das citações mais famosas no seu ato constitutivo: “Uma vez que as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas”.

Foi em 1989, quando da realização do Congresso Internacional para a Paz na Mente dos Homens, em Yamassoukro (Costa do Marfim), que a Cultura de Paz surgiu como uma idéia e transformou-se em um movimento mundial.

Desde então, uma série de manifestações começaram a surgir pelo mundo, desde fórum, debates, encontros e congressos, mas foi em 1995, que os Estados-Membros da UNESCO decidiram concentrar esforços para projetos de médio e longo prazo para Cultura de Paz. Um dos projetos foi o “Rumo à Cultura de Paz”, onde várias organizações foram orientadas a trabalhar em prol de uma cultura de paz e, no ano de 1997, a Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou o ano 2000 como o Ano Internacional da Cultura de Paz, sob coordenação geral da UNESCO, tendo o ano de 2010 como o final da década.

A Cultura de Paz está relacionada à administração de conflitos, pois é baseada em valores e compromissos com os direitos individuais de cada um, promovendo o respeito à liberdade de expressão e à diversidade cultural, sendo a tolerância e a

solidariedade parte deste aprendizado. Promover a resolução dos conflitos nas suas bases sempre por meio da negociação, diálogo e da mediação, procurando a PAZ, é um dos programas concebidos pela UNESCO, com a Década Internacional de uma Cultura de Paz e Não Violência. Mobilizando centenas de instituições da sociedade civil e do governo por meio de ações e projetos, o programa tem beneficiado milhares de pessoas no mundo todo.

Com a implantação pela Assembléia geral das Nações Unidas, em 10 de novembro de 1998, para o período de 2001 a 2010, o maior impulso a este programa foi o Manifesto 2000, que colheu assinaturas de 75 milhões de pessoas, estabelecendo um manifesto com seis princípios importantes para nortear as ações em prol de sustentabilidade ambiental, justiça social e convivência edificante, os são resumidos a seguir:

1. Respeitar a vida - respeitar a vida e a dignidade de cada ser humano, sem discriminação nem preconceito;

2. Rejeitar a violência - praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os mais desprovidos e os mais vulneráveis, como crianças e adolescentes;

3. Ser generoso - compartilhar tempo e recursos materiais no cultivo da generosidade e pôr um fim à exclusão, à injustiça e à opressão política e econômica.

4. Ouvir para compreender - defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre o diálogo sem ceder ao fanatismo, à difamação e à rejeição;

5. Preservar o planeta - promover o consumo responsável e modo de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;

6. Redescobrir a solidariedade - contribuir para o desenvolvimento da comunidade com plena participação das mulheres e o respeito aos princípios democráticos, de modo a criarem, juntos, novas formas de solidariedade.

Além da assinatura de cidadãos comuns, este manifesto foi assinado por laureados com o Prêmio Nobel da Paz e no Brasil teve 15 milhões de assinaturas. Desde então, inúmeros projetos foram criados por toda a sociedade, que tiveram grande impacto social e, devido a isso, muitas ações foram relatadas no Relatório Civil sobre a Década da Cultura de Paz, elaborado pelo Dr. David Adams para a *Fundación Cultura de Paz*, presidida pelo Dr. Frederico Major - hoje Ex-Secretário da UNESCO e que o apresentou ao Secretário Geral das Nações Unidas.

Este relatório contém informações de mais de 700 organizações em todo o mundo, e oferecia sugestões novas para consolidar iniciativas dentro do Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1999. Com este programa, foram propostos oito eixos de Ação, que podem ser encontrados no site: www.comitepaz.org.br e que são:

1. Cultura de Paz através da Educação;
2. Economia Sustentável e Desenvolvimento Social;
3. Compromisso com todos os Direitos Humanos;
4. Equidade entre os Gêneros;
5. Participação Democrática;

6. Compreensão - Tolerância – Solidariedade;
7. Comunicação Participativa e Livre Fluxo de Informações e Conhecimento;
8. Paz e Segurança Internacional.

O tema sobre a Paz abrange muito mais do que confrontos ou resolução de conflitos. Hoje, falar sobre a Paz requer uma reflexão mais profunda, rever a sua aplicação e procurar sair da teoria para a prática, com ações eficazes direcionadas para estabelecer a harmonia e administração de conflitos entre as pessoas, procurar a duradoura relação entre os seres humanos, para que a paz se torne universal, sendo um dos propósitos a serem alcançados.

Para tanto é necessária mudança na nossa sociedade, uma mudança de reação, que saia da passividade e apóie a maioria dos seus cidadãos nas suas necessidades. Muitos autores como David Adams, nos livros (*The History of the culture of War, I have seen the promised Land – a utopian novella e World Peace*) Ex-Diretor da ONU e Frederico Mayor, Ex-Diretor geral da UNESCO, afirmam que a construção da paz passa pelo povo e é ele que deve construir a sua paz, oriunda de uma base local, já que foram os Estados responsáveis pela errônea interpretação da carta das Nações Unidas após a Segunda Guerra Mundial.

Houve ação errada dos governantes e o que se falava em cooperação se transformou em exploração, o que era para ser ajuda acabou virando empréstimo e o que devia ser considerado como valores virou lei de mercado. Em lugar de cultivar a paz e de construí-la, os governos procuraram preparar-se para o avanço do capitalismo.

A cultura de força e imposição foi colocada pelos governantes, mas isso está mudando, nota-se que no mundo todo estão crescendo os movimentos pela paz e a

cultura do diálogo é cada vez mais intensa. Em seu artigo de 29 de junho de 2009, Frederico Mayor afirma que as palavras de ordem são compartilhar e envolver-se.

Para que a Cultura de Paz se torne uma realidade, é necessário que haja participação efetiva de todos e que os cidadãos se conscientizem que podem se mobilizar, se responsabilizar e comprometer-se a participar de ações para desenvolverem uma cultura de paz.

Pela perspectiva da Educação, a Cultura de Paz abordaria um sentido mais amplo, que utilizasse métodos mais ativos, onde a harmonia é restaurada no indivíduo, seja nos sentimentos, no emocional, na razão, na intuição. Aqui, a abordagem é o saber lidar com o corpo, desenvolver e despertar os valores humanos, saber distinguir o racional do emocional, a intuição e a razão, tudo deve estar conectado, uns dependem dos outros para desenvolver um melhor existir, bem-estar e desenvolvimento.

Para desenvolver educação pela paz é necessário resolver os conflitos sem utilizar a violência, transformando-a em um processo de construção para desenvolver o ser humano. Tudo isso feito de uma maneira ativa e prática, reparando as forças destrutivas e negativas, a fim de manter o equilíbrio.

O educador que transmite a arte de viver em paz, com afeição, doçura, paciência, é um exemplo transformador, qualidades essenciais que um educador pela paz deve ter.

CAPÍTULO II

AÇÕES CONTRA A VIOLÊNCIA

Várias são as ações que vem sendo feitas para a diminuição da violência, desde ONGs a Instituições que vem perseguindo a Paz de forma louvável, mas que encontram inúmeras dificuldades para colocar em prática algumas ações que seriam eficazes nesta redução.

Alguns trabalhos que vêm sendo desenvolvidos envolvem nomes de Instituições idôneas, como a UNIPAZ - Universidade da Paz, que desenvolve a cultura de paz e de não violência a partir de uma nova consciência, procurando trabalhar a cultura de Paz e hoje possui várias unidades no Brasil e no Mundo com ênfase na sabedoria, no amor e na solidariedade, abrangendo o indivíduo, a sociedade, o planeta e o universo.

Outra entidade que vem desenvolvendo trabalho neste enfoque é a Associação Palas Athena, instituição que promove seminários, fóruns e discussões em prol da cultura de Paz, bem como a Associação Brasileira dos Organizadores de Festivais de Folclore e Artes Populares - ABraSOFFA que, desde o ano de 1992, dá continuidade a Festivais Internacionais de Folclore, Conferências, Encontros Internacionais, projetos educacionais, promovendo a diversidade com a vinda de povos de outros países e que segue orientação da UNESCO, dentro da Década da Cultura de Paz e da Não Violência.

Uma das Instituições que possui um trabalho bastante significativo é a UNESCO, que vem discutindo sobre a violência em documentos como: Educação - Um tesouro a descobrir, Informe da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, o documento final dos Ministros da Educação da América latina e do

Caribe, na VII Reunião do Comitê Intergovernamental do projeto Principal de Educação, convocada pela UNESCO, na cidade de Cochabamba-Bolívia, no ano de 2001, e um dos maiores trabalhos já realizados é o Programa Cultura de Paz e da Não Violência.

Em 1989, a UNESCO já falava em "Cultura de Paz" apesar de que na Fundação da entidade já estabeleceu

[...] a paz baseada exclusivamente nos arranjos políticos e econômicos dos governos não seria uma paz que pudesse conquistar o apoio sincero, unânime e duradouro dos povos do mundo, e por esse motivo, para que perdure, a paz deve ser fundada sobre a solidariedade moral e intelectual da humanidade (UNESCO, 1989).

A UNESCO tem procurado preparar ações que se pautem em uma visão nova sobre a Paz, baseada em valores como a liberdade, a justiça, o respeito à vida, a solidariedade, tolerância, a igualdade entre todos e o respeito à diversidade cultural.

A preocupação é real, os dados mostram e a necessidade de mudar é preeminente, já que a violência alcança casas, famílias e amigos, fazendo com que o medo seja um constante companheiro. É neste contexto que a educação se mostra como primordial para a formação de uma nova realidade, e por meio da educação haja um enfrentamento da violência, onde a cultura se valoriza tendo um papel predominante na cultura de paz e da Não violência.

Muitas ferramentas foram adotadas no decorrer do trabalho realizado no projeto Paz na Ponta do Giz¹. A aplicação das oficinas tem como objetivo contribuir para minimizar a violência de forma efetiva com cultura de paz e da não violência.

¹ O Projeto Paz na Ponta do Giz foi desenvolvido Associação Brasileira dos Organizadores de Festivais de Folclore e Artes Populares – ABrasOFFA e consiste em oficinas diversificadas com crianças em escolas e em comunidades com realidade social deficitária, para a promoção da Cultura de Paz.

Esse projeto primeiro define um diagnóstico de violência e paz nas escolas e, em sequência, realiza oficinas que visam modificar a cultura, a partir de abordagem pela gestão escolar e pela análise holística da comunidade, em face dos problemas apresentados, adotando formas de converter comportamentos que levam à violência. A mudança acredita-se ser de longo prazo e com ênfase em modificação da realidade escolar, familiar e social.

2.1 EXEMPLOS DE PROJETOS PARA O COMBATE A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Com o intuito de diminuir a violência em regiões de risco, foram desenvolvidos, no Estado de Minas Gerais, projetos em escolas. É mencionada uma iniciativa, o Projeto Escola Viva Comunidade Ativa, uma proposta na prática, em 81 escolas da rede estadual de Minas Gerais.

Menciona-se o exemplo da Escola de Governo Prof. Paulo Neves de Carvalho, da Fundação João Pinheiro, de Belo Horizonte/MG, situada em contexto de alta vulnerabilidade e risco, que apresenta alto índice de violência. Trata-se de projeto social implementado na unidade escolar direcionado para a população local e não apenas para os alunos.

O Projeto Escola Viva Comunidade Ativa foi elaborado pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, em 2002, e tem por finalidade tornar as escolas públicas melhor preparadas para atender às necessidades educativas das crianças e jovens mais afetados pelos fenômenos da exclusão social e da violência, procurando proporcionar a tranquilidade e as condições básicas de educabilidade no ambiente escolar para que o processo de ensino e de aprendizagem aconteça: o professor possa ensinar e o aluno aprender (WESTIN *et al.*, 2008; LEITE, 2008).

Os elementos básicos do projeto são: conhecer para planejar, planejar para mudar, oferecer um sistema de apoio com acompanhamento e avaliação da sua implantação na escola. Isso permite a compreensão sobre o contexto escolar atual, o conhecimento das características e demandas da comunidade, bem como as percepções dos próprios atores sobre o fenômeno da violência na escola. Desta forma, foi estabelecida uma parceria com o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) da Universidade Federal de Minas Gerais para a realização de pesquisa de campo destinada à construção do perfil das escolas estaduais de Belo Horizonte, tendo como referência a relação dessas escolas com a violência. As unidades que apresentassem situações mais críticas participariam de imediato, do Projeto. Também tinha como objetivo a construção de indicadores de violência escolar.

A condição indispensável para a participação da escola no Projeto, é que seja elaborado o seu Plano de Desenvolvimento Pedagógico e Institucional (PDPI), instrumento que apresenta as características da escola, suas necessidades e demandas específicas e que deve expressar compromissos básicos dos gestores, dos educadores e de toda a comunidade em relação à escola; traduzir as expectativas e anseios da comunidade escolar em relação à educação; e tornar explícitas as necessidades e demandas da instituição, no limite das possibilidades estabelecidas pelo Projeto (WESTIN *et al.*, 2008; LEITE, 2008).

Outra condição para a implementação bem sucedida do projeto, é que os agentes envolvidos, (a escola, a comunidade e a SEE/MG) estejam em sintonia e atuem de maneira coordenada. O PDPI determina que a escola seja aberta à comunidade, amplie o atendimento escolar, melhore a qualidade do ensino e de sua infra-estrutura e estabeleça mecanismos de apoio ao educador e à gestão escolar.

O acompanhamento do andamento das atividades é feito por meio das informações sobre processos, produtos e resultados e implica no acompanhamento contínuo, sistemático e detalhado de todas as ações programadas no PDPI; a avaliação consiste no processo de análise dos resultados e impactos verificados, buscando verificar o seu efeito sobre o aprendizado, o comportamento e o tipo da convivência estabelecida no ambiente escolar, além da participação da comunidade na vida da escola.

Os resultados esperados objetivam contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, assegurando-lhe o acesso à educação, o direito à inclusão e a permanência numa escola democrática que privilegie a pluralidade das dimensões da formação dos alunos e dos próprios profissionais da educação; o reconhecimento da unidade escolar como uma escola integrada à vida da comunidade e ainda, que a escola se transforme e passe a atuar de maneira a superar suas dificuldades internas em benefício de um projeto comum, como um grupo que aprende com a sua própria experiência.

Foram aplicados questionários com alunos e entrevistas com docentes e gestores para avaliar o grau de violência segundo o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), que mensura o contexto da violência. Em seguida foram analisados os resultados das oficinas do projeto Escola Viva, Comunidade Ativa, que propõe dois tipos de atuação extra-classe para serem realizadas nas escolas: os programas Abrindo Espaços e Aluno de Tempo Integral. A Escola avaliada oferece apenas o Abrindo Espaço, ou seja, a abertura do espaço da escola aos sábados no período de 8 as 17 horas, para a oferta de oficinas à comunidade local (WESTIN *et al.*, 2008; LEITE, 2008).

Os resultados desse projeto enfatizam a necessidade de melhorias na estrutura física da escola, atribuem a violência à indisciplina e entendem que a escola reflete as características da comunidade onde se insere e por este motivo, é o local adequado para a realização de atividades para o combate a violência, sendo necessário que seja adotado pelas escolas e pela gestão, como estratégia de combate a violência. De acordo com Leite (2008: p.3):

[...] seria importante uma gestão preocupada em realizar atividades de diagnóstico que permitissem detectar as reais necessidades das escolas e que apontasse para uma nova maneira de atuação dos gestores, tomando como base procedimentos pedagógicos mais flexíveis, conforme define a legislação educacional vigente.

Estes exemplos foram elencados para analisar a importância de criação de políticas públicas em conjunto com gestão educacional para criar a perspectiva favorável ao trabalho para a cultura de paz, pois percebe-se que as iniciativas mostram que é preciso realizar a gestão devido à complexidade de fatores envolvidos na temática da violência, a qual precisa ser combatida por diversos enfoques e parcerias para chegar efetivamente à cultura de paz.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um estudo de caso de natureza qualitativa, realizado na escola pública Pedro Crescenti, situada na cidade de Santos, no bairro Rádio Clube, mais conhecido como o Dique da Vila Gilda, onde as crianças moram e é considerada uma das maiores favelas sobre palafitas do Brasil. Situa-se no município de Santos, Estado de São Paulo. Sua localização denomina-se Zona Noroeste de Santos e constitui Área de Preservação Permanente. No Rio dos Bugres, onde se localizam as palafitas que fazem divisa com a cidade de São Vicente, a população é estimada em aproximadamente 6.000 famílias, com uma renda mensal aproximada de um salário mínimo, no máximo (COHAB/ST 2007), conforme figuras 2 e 3.



Figura 2. Dique da Vila Gilda

Fonte: www.cidades.gov.br/.../pac/selecao.bmp



Figura 3. Localização do Dique na Zona Noroeste em Santos
Fonte: www.cidades.gov.br/.../pac/selecao.bmp

A pesquisa analisa a intervenção do projeto Paz na Ponta do Giz. Este projeto tem por objetivo contribuir para a Paz e a segurança, promovendo cooperação entre as pessoas por meio da educação e da cultura; conscientizar o respeito à vida e a dignidade de cada pessoa praticando a não-violência ativa; defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural; contribuir com o desenvolvimento da comunidade local envolvida, onde haja espaço para a pluralidade e a vida possa ser vivida sem violência, além disso o projeto propõe:

- Alertar o corpo docente sobre a importância de se trabalhar a cultura de paz durante o período letivo;
- Gerar jovens multiplicadores da idéia de cultura de paz;
- Diminuir o índice de violência nos centros urbanos por meio da educação escolar;
- Promover a paz e a tolerância entre os povos;

- Fazer com que se respeite a vida e dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;
- Praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;
- Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem a maledicência e ao rechaço ao próximo;
- Contribuir com o desenvolvimento da comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, para criar novas formas de solidariedade.

A escola objeto da pesquisa foi escolhida por apresentar a pior realidade social, entre seis outras situadas na região. Foram obedecidos os seguintes critérios:

- 1.1 - Público alvo – crianças com idades de 04 a 13 anos, que têm mais facilidade de assimilar hábitos e mudar comportamentos, pois estão no processo de formação;
- 1.2 - Violência - área de maior risco, agressividade, falta de respeito com o professor em sala de aula e a evasão foram os critérios adotados para a escolha do local;
- 1.3 - Número de alunos – número elevado de alunos, nesta faixa etária, para dar maior visibilidade ao que estava sendo proposto;

Nesta fase, foram avaliadas escolas situadas nas áreas periféricas da cidade de Santos. Foi escolhida apenas a escola que mais se aproximava dos critérios anteriormente mencionados, sendo escolhida a escola Pedro Crescenti, na Zona

Noroeste da cidade de Santos, que oferece educação infantil, fundamental I e Educação para jovens e adultos.

Localizada na Av. Brigadeiro Faria Lima, s/nº, no Jardim Rádio clube, iniciou suas atividades em 19 de agosto de 1976, com o nome de “Escola Estadual de Primeiro Grau Jardim Rádio Clube” e, em 5 de janeiro de 1977, recebeu a denominação de Pedro Crescenti. Passou a ser municipalizada a partir do dia 25 de março de 1996. A unidade escolar recebeu esse nome em homenagem ao professor Pedro Crescenti, nascido em Descalvado, no interior paulista, em 21 de abril de 1898. Era um professor engajado com serviços ao próximo.

Na escola escolhida foram realizadas reuniões com o diretor e os professores, para discutir a proposta do projeto e os conteúdos das oficinas e que seriam realizadas com as crianças. O professor de cada classe manifestava as dificuldades comportamentais que percebia nos alunos das classes e com isso eram definidas as oficinas.

Realizadas as reuniões e definido o conteúdo das oficinas passou-se a sua realização, que teve início em outubro de 2006, na escola Pedro Crescenti, no período da tarde. Durante uma semana, em todos os dias, foram realizadas as oficinas, tendo duração de uma hora e meia, realizadas por voluntários que foram treinados para sua realização.

Antes do início do projeto foi feita uma reunião com a Diretora e os professores responsáveis pelas classes explicando o projeto, mediante entrevista, afim de avaliar o comportamento dos alunos, com a aplicação de um questionário (APÊNDICE A) mediante um roteiro com questões abertas para que se pudesse avaliar o comportamento das crianças e as suas necessidades, medindo a sua percepção quanto ao comportamento dos alunos.

Como forma de mobilizar os voluntários foram enviados e-mails marketing aos membros da equipe da ABraSOFFA, responsável pela realização das oficinas, solicitando que explicitassem em que tipo de oficina gostariam de participar.

Os voluntários que desejaram participar foram capacitados em reuniões que explicavam a missão da ABraSOFFA e o objetivo do projeto Paz na Ponta do Giz.

Foi apresentado o histórico da escola Pedro Crescenti, noções de Cultura de Paz e da Não violência, e os objetivos de cada oficina. Além disso, foram feitas palestras com psicólogos e assistentes sociais, que também discutiram a violência e ensinaram dinâmicas a serem aplicadas com as crianças.

A análise do projeto ocorreu pela criação de uma escala de comportamentos observados pelo professor nas crianças. Pela escassez de uma escala que defina os comportamentos considerados como violentos ou de paz, como forma de analisar os comportamentos na realização do projeto Paz na Ponta do Giz, foram definidas as seguintes dimensões:

1. Mau-comportamento: é observado pelo professor quando a criança responde mal e briga com os colegas;
2. Insegurança: maneira de expressar-se com o professor;
3. Agressividade: falar grosseiramente com o professor e com os colegas;
4. Violência: agressão física, bater, morder;
5. Desinteresse: aquela criança que não se interessa por nenhuma atividade;
6. Sociável: participa de tudo, participativo;
7. Solidário: generoso, divide com os outros;
8. Carinhosa: aquela criança que abraça e beija os colegas.

Após os professores terem feito a avaliação do comportamento, foram realizadas as oficinas (APÊNDICE A). Após a realização das oficinas, foi aplicado o mesmo procedimento para avaliar a mudança de comportamento dos alunos.

Esse processo de medir o antes e o depois é de natureza experimental, segundo Rúdio (1986) que diz que esse é um modo como ou por que causas o fenômeno é produzido, se um é a causa do outro.

O que se pretendeu com esta pesquisa foi avaliar a mudança de atitude das crianças envolvidas, ou seja, avaliou-se o seu comportamento de acordo com os indicadores previamente definidos.

A mudança de comportamento vem de dentro da pessoa, ela se sente motivada a mudar e isso advém do meio em que ela vive, por esta razão as oficinas possibilitam uma reflexão do professor sobre a mudança da criança, mesmo que a oficina tenha sido realizada em uma semana.

3.1 AVALIAÇÃO DOS ALUNOS ANTES DE REALIZAR AS OFICINAS

Este experimento teve início com a aplicação de um questionário (APÊNDICE B) aos alunos, com faixa etária de 04 a 13 anos. Alguns alunos não eram alfabetizados e, portanto, optou-se também pela análise de desenhos concomitantemente aos questionários, para 16 crianças. O questionário trazia questões relativas ao cotidiano dos alunos com ênfase na escola, sobre o que gosta ou não na escola, amigos, o que gosta de fazer e por fim questionava o que é paz.

Também foi utilizada outra sistemática, para avaliação do comportamento, foi solicitado um desenho sobre a percepção de paz de cada criança.

3.2 REALIZAÇÃO DAS OFICINAS

O projeto Paz na Ponta do Giz, realizado pela ONG ABrasOFFA – Associação Brasileira dos Organizadores de Festivais de Folclore e Artes Populares, realizou a intervenção mediante as oficinas para 650 alunos da Escola Pedro Crescenti. Essas oficinas foram realizadas por 32 voluntários da ABrasOFFA, com o intuito de sensibilizar alunos e professores para os temas de solidariedade, sensibilidade, amizade, compaixão, afetividade, tolerância e paz.

O objetivo das oficinas foi de:

1. sensibilizar os alunos por meio de atividades lúdicas, para resgatar a auto-estima, o valor da família, a socialização e a cooperação alunos e professores na escola. Esse trabalho pretendeu ainda a mudar o comportamento do aluno, tendo como foco cultura de paz e da não violência, solidariedade e afetividade.

Cada oficina teve a duração de uma hora e meia, com cerca de 30 alunos na idade de 04 a 13 anos, no período da tarde, mas para a dissertação, foram selecionados apenas 16 desenhos e questionários.

A composição das oficinas, conduzidas pelos monitores da ABrasOFFA, foi definida após conversa com a diretora e professores de cada classe, para que os monitores apropriassem-se dos problemas que afetam as crianças na sala de aula.

A escola possui 32 classes e cada classe foi escolhida para ter uma das oficinas definida para cada classe de acordo com a visão do professor e os interesses dos alunos.

Com os alunos menores de 07 anos não alfabetizados, as oficinas foram realizadas apenas com atividades manuais e os voluntários da ABrasOFFA aplicaram os questionários. Essas atividades permitiram aos alunos tivessem maior

concentração e permitindo que os monitores tivessem um maior contato com cada criança.

Na faixa etária de 04 a 13 anos, foram realizadas atividades manuais, mas também atividades com a escrita. Além dessas atividades manuais foi realizada a oficina Correio da paz, ou seja, foram escritas por eles cartinhas abordando a cooperação mútua. Essas cartas foram entregues a crianças de escolas do Paraguai por membros voluntários da ABraSOFFA.

Foram realizadas 32 oficinas que correspondem a 32 classes, mas para avaliação do seu conteúdo, foram selecionadas aleatoriamente 16 oficinas aplicadas às crianças na faixa etária de 04 a 13 anos. Além destas oficinas foram avaliadas antes crianças de 04 a 07 anos, descobertas no meio do processo, quando da aplicação das oficinas dentro das salas de aula.

3.3 CONTEÚDO DAS OFICINAS

As oficinas possuíram o seguinte conteúdo.

3.3.1 Oficina Contador de Histórias

Cada aluno conta a sua história, o que vale é a imaginação sendo conduzida pelo monitor, para que imaginem coisas agradáveis e situações onde tudo vai acabar bem, tudo de uma maneira onde a criança possa sonhar.

3.3.2 Origami (dobradura de papel)

O aluno aprende a dobrar figuras e a pintá-las. Essa oficina desempenha um papel muito importante no desenvolvimento intelectual da criança, pois desenvolve a capacidade criadora contribuindo para o desenvolvimento da psicomotricidade. Um dos origamis escolhidos é a dobradura do Tsuru em forma de pássaro. Conta a lenda que se desejar algo e forem dobrados 1000 tsurus, o seu desejo se realiza. Neste momento a criança é estimulada a falar sobre assuntos agradáveis, alegres e os sonhos de cada um.

3.3.3 Pipa

A confecção da pipa faz com que a criança desenvolva a habilidade manual e a coordenação motora, mas também faz com que ela desenvolva e realize o seu sonho, alcançando o seu objetivo de fazê-la voar.

3.3.4 Oficina com Argila

Alia o prazer de ver o que suas mãos criam e produzem conforme a sua habilidade, faz com que a criança reflita e se entretenha proporcionando neste momento o resgate da cultura local, da família e da sua identidade, abrem-se novas possibilidades, novos prazeres, desde que estimulada.

3.3.5 Colcha de Retalhos Aquecendo a Paz

É uma oficina que estimula a criança a fazer desenhos como forma de expressar no papel, como deve ser a Paz e como ela imagina que deva ser.

3.3.6 Oficina de Rádio

O aluno monta as notícias dentro da sala, cada um deve escolher e dar a sua notícia. Logo após, há discussão em sala de aula do que deve ser noticiado ou não e se dá prioridade as notícias do cotidiano, mas que enfatizem as coisas boas que acontecem no bairro, o aluno é estimulado a procurar as coisas boas e divulgá-las.

3.3.7 Oficina de Televisão

Procura reproduzir notícias boas, comunicando o que se passa no bairro ou na escola, sempre buscando notícias boas com o intuito de passar mensagens otimistas como no “Paz na telinha”, onde os próprios alunos fazem os textos, ensaiam na frente da câmera, apresentam, são os repórteres e, neste contexto, é ensinado a importância de uma boa notícia.

3.3.8 Sonhos pela paz

Nesta oficina as crianças imaginam coisas boas para o seu dia a dia e por um mundo melhor.

3.3.9 Varal da Paz

Nesta são confeccionadas mensagens e poesias e colocadas num enorme varal espalhado pela escola.

3.3.10 Muro da Paz

Onde a criança por meio de desenhos recorda fatos importantes para se manter a Paz, como também fatos que não deixam a Paz prosseguir entre os homens, essa é uma das oficinas que faz com que o monitor tenha contato com uma realidade muitas vezes bastante dura.

3.3.11 Oficina Bairro Real e Bairro Ideal

Mostra o que realmente existe no seu bairro e o que deveria ter no Bairro Ideal que ela gostaria de ter. A criança começa a contar o seu dia a dia, mas ela na sua grande maioria prefere contar as coisas ruins que acontecem ou que ela não gosta é neste momento que o voluntário a estimula a falar de coisas boas que tem na sua comunidade, e na sua casa.

3.3.12 Linguagem dos Sinais (oficina de libras)

Libras é a sigla da Língua Brasileira utilizada pelas comunidades surdas. Ensina a criança de que existem diferenças e como se pode superar as diferenças, pela música que é cantada por todos.

3.3.13 Oficina Pão pela Paz

Oficina que conta a história do pão no mundo, sobre os diversos povos no mundo que utilizam o pão e a hora da fabricação deste produto, as crianças, aprendem a importância de compartilhar com os outros.

3.3.14 Correio da Paz

A criança é incentivada a escrever uma cartinha para uma criança de outro país, com isso começa a se criar uma relação de amizade à distância, neste caso o trabalho foi feito com crianças da escola Costa Rica na cidade de Itá no Paraguai, inicia-se um trabalho em rede, com conexões distantes, mas que passam a fazer parte do imaginário da criança, a criança é incentivada a expor as suas emoções, além de ser um incentivo a que ela escreva e procure se aperfeiçoar.

3.3.15 Oficina de Desenhos

Aplicadas com as crianças que não sabiam nem ler e nem escrever, com o intuito de expressar os seus sentimentos.

Cada oficina foi aplicada aleatoriamente na classe por escolha dos professores e dos alunos, visando promover a cultura de paz, a afetividade, a solidariedade, para contribuir com o desenvolvimento e fortalecimento individual, familiar e comunitário da criança.

Foi por meio das ações de integração que se pretendeu a socialização, buscando distanciá-las de situações de risco, pessoal e social. Com isso, a idéia foi estimular a criatividade e a prática de hábitos saudáveis valorizando a criança e a infância.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Considerando que participaram da pesquisa 650 alunos e que 15 oficinas ocorreram em 32 salas de aula, foi adotada amostra não probabilística aleatória, que selecionou as classes objeto da pesquisa, definida por Cooper e Schindler (2003) como uma técnica que adota um estágio de seleção da população onde cada elemento é escolhido por processo aleatório.

Sendo assim, 16 classes foram objeto da pesquisa e cada membro do grupo respondeu 1 questionário e 1 desenho para cada oficina, totalizando 16 questionários e 16 desenhos feitos pelos alunos.

Os questionários foram analisados a partir de escala definida pela percepção dos professores (Tabela 1). Essas dimensões foram definidas a partir dos resultados do questionário respondido primeiro pelos professores (APÊNDICE B). Para cada dimensão foi atribuída um valor numérico que varia de 1 a 8, sendo 1 o menor indicativo de criança submetida a violência e o número 8 o maior indicativo de paz.

Tabela 1. Escala de comportamento dos alunos segundo professores

Comportamento	Classificação
Mau-comportamento	1
Insegurança	2
Agressividade	3
Violência	4
Desinteresse	5
Sociável	6
Solidário	7
Carinhoso	8

Essa escala foi feita a partir da classificação proposta por Milani (2003) que, embora não defina os critérios, indica que o comportamento de paz possui as seguintes dimensões: respeito, cooperação e boas intenções, no entanto essas dimensões podem variar em função do aluno, daí a necessidade de analisar as relações sociais que ocorrem no âmbito da escola. Também o autor menciona a questão da violência, que é entendida a partir da estrutura socioeconômica que determina a posição acomodativa frente a uma realidade 'inevitável'.

É interessante ressaltar as três possibilidades de análise da violência para este autor (MILANI, 2003, p.6): 1. A violência como uma expressão exclusiva de pessoas incapacitadas para o convívio social; 2. Considerar o indivíduo violento como vítima da sociedade; 3. Analisa a violência como “um fenômeno multidimensional e multicausal, que se manifesta por expressões individuais, grupais e/ou institucionais, e cujo enfrentamento exigirá mudanças – culturais, sociais, econômicas, morais – de parte de todos”. Nesta dissertação, adotou-se a terceira perspectiva de Milani

(2003), uma vez que analisa a violência social que é encontrada no ambiente escolar.

Portanto, a mensuração das perguntas abertas permitirá medir os comportamentos dos alunos indicativos de violência ou paz.

A análise dos desenhos foi realizada por uma psicóloga e psicopedagoga especializada em linguagem não verbal. Segundo Assunção Jr. (2009), o desenho é uma forma de comunicação que fica no meio do caminho entre o brincar e o pensar, pelo aspecto lúdico e prazeroso carrega a possibilidade de estruturar idéias, pensamentos e de construir um mundo real e imaginário.

A criança desenha mais o que sabe do fenômeno do que aquilo que realmente vê. Assim, muito antes de procurar copiar situações reais que presencia, ela desenha aquilo que conhece de uma pessoa ou de um objeto. Conforme sua idade e seu momento de desenvolvimento, ela representa essa realidade de modo diferente, não somente pelo seu desenvolvimento gráfico, mas principalmente pelo seu desenvolvimento mental, que lhe permite compreender o mundo de maneiras diferentes.

Aproximadamente entre os 2 e os 5 a 6 anos de idade, a criança desenha de acordo com um significado que ela mesma atribui a ele. Passa assim de representações muito simples e primitivas até desenhos mais elaborados e mais próximos a realidade pessoal.

A partir dos 7 a 8 anos ela começa realmente a desenhar aquilo que vê, aos poucos, passando a elaborar perspectivas espaciais nas figuras que faz, com melhores planos de conjunto e proporções métricas.

Entretanto, ao mesmo tempo, a criança se projeta em suas produções - desenhos, brincadeiras - revelando desejos, frustrações e aprendizado. A

observação desses fenômenos não pode ser considerada de maneira linear e simbólica, com cada elemento tendo um significado específico. Isso porque o desenho nada mais é do que uma forma de representação da existência infantil, só podendo ser compreendido, portanto, dentro de um contexto.

Desta forma, a análise dos desenhos contempla traços e cores escolhidas pelos alunos para desenhar e pintar, o que permite observar seu comportamento.

Após a realização das oficinas, foi aplicado questionário (APÊNDICE B) nos alunos de 04 a 13 anos para avaliar a mudança a partir da intervenção realizada. Isso, de algum modo pretendia verificar se houve maior socialização das crianças, mediante a visão de relação entre eles. Com isso, pretendeu-se conhecer a criança, a situação em que vive e a sua tolerância na relação com os outros que os rodeiam e o sentimento que possuem fazendo parte do grupo.

Por tratar-se de uma região onde o tráfico faz parte do cotidiano de alguns alunos, não foi possível realizar a avaliação prevista inicialmente, ou seja, avaliar os resultados das oficinas em relação a cultura de paz e não violência. Com isso, os resultados da pesquisa restringiram-se apenas a etapa do diagnóstico e não foi avaliado na sua totalidade.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo são abordados os resultados obtidos com a aplicação de oficinas na Escola Pedro Crescenti, avaliando o que é paz para os alunos e sua realidade em relação à violência.

A análise de resultados foi avaliada em dois momentos: o primeiro analisou os desenhos realizados pelas crianças que participaram das oficinas e o segundo o resultado dos questionários.

Os resultados da pesquisa dos desenhos foram avaliados por uma profissional de psicologia para o entendimento do seu significado.

A psicologia utiliza-se do “(...) teste do Desenho como técnica projetiva, em virtude de sua economia do tempo, fácil administração e férteis resultados clínicos (...)” (CAMPOS, 1979, p. 15). Mas como instrumento de diagnóstico, o teste deve obedecer a várias evidências, para dar validade à análise, tais como Campos (1979) relaciona:

- a) O significado dos símbolos, de acordo com a Psicanálise;
- b) Experiência clínica;
- c) Liberação da simbolização empregada, despertando as associações do paciente;
- d) Evidência empírica;
- e) A abundância de franca simbolização inconsciente;
- f) A correlação entre as projeções dos desenhos feitos nos diversos momentos da pesquisa;

- g) Consistência interna entre as respostas entre diferentes tipos de coleta de dados, como a História de cada família, criança, em outras atividades da mesma pesquisa, etc.;
- h) E a estrutura interpretativa do Desenho como Técnica Projetiva.

O teste do Desenho é bastante utilizado por ser uma técnica não verbal, vantajosa para ser aplicada em crianças mais jovens, em indivíduos sem escolaridade, estrangeiros, mudos, muito tímidos, classes social inferiores que se sentem inadequados em relação à sua capacidade de expressar-se verbalmente, etc.

Frequentemente, nesta técnica projetiva, os conflitos mais profundos se refletem mais facilmente no papel.

Para aplicação do teste do Desenho, alguns procedimentos para o controle de variáveis são importantes, como o tamanho da folha de papel (virgem), o lápis preto que deve ser de nº 2, os lápis de cores que devem ter o mínimo de 8 cores: vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, preto, roxo e laranja (sem o uso de canetinhas coloridas), mesa e cadeira confortáveis e borracha macia; a atitude do examinador tem características específicas, que na variação de aplicação em grupo, deve haver orientação prévia aos examinadores, pois há regras determinadas na entrega do papel, disposição do material e das instruções ao propósito para desenhar; além de um questionário de associações para ser respondido pelo propósito e a história contada pelo indivíduo em relação ao seu desenho realizado.

Como a aplicação do Teste do Desenho não foi realizada por profissional de psicologia e sem a necessária prévia orientação, grande parte desses

procedimentos descritos acima não foi realizada, comprometendo a análise interpretativa técnica destes desenhos.

Para uma análise mais aprofundada, há necessidade de avaliação da contextualização do momento vivenciada da experiência, junto com o histórico familiar e dados coletados durante as várias outras oficinas dão margem há muitos questionamentos, que podem ser norteadores para posteriores aplicações.

Os nomes das crianças foram substituídos por letras do alfabeto em sequência, para apenas enumerarem os casos da análise dos desenhos. Foram identificados a idade e o sexo, a imagem do desenho e sua análise.

Em geral, um único desenho não é suficiente para avaliar os pontos fortes, as debilidades e as necessidades da criança.

A finalidade da análise do desenho é captar o modo que a criança transmite suas mensagens através do desenho. O exame de vários exemplares permite-nos realizar uma análise mais exata e eficaz.

Nesse sentido, são apresentados a seguir a análise de cada desenho junto com os resultados do questionário de cada criança. Inicialmente fez-se a análise dos desenhos em conjunto com a apresentação das respostas dos questionários na íntegra para analisar o contexto que a criança criou no desenho em face de sua percepção de paz e posteriormente foram analisados os resultados dos questionários.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Foram analisados caso a caso para fornecer o contexto da criança e sua relação com a violência. Primeiramente foi descrita a criança e suas respostas do questionário transcritas. Em seguida foi explicado o desenho considerando o contexto da oficina, em seguida feita a descrição do desenho e análise do significado de seus elementos.

4.1.1 Desenhos

4.1.1.1 Caso 1

Menino de 4 anos (Caso 1) com um irmão de 8 anos (Caso 2) também participante da Oficina. Vieram do Ceará e moram em cortiço há três meses apenas. Comentou com o voluntário no momento do questionário da oficina, que: *“(...) gostava de ir à escola, mas não queria falar.”* Mas a muito custo, acaba respondendo o questionário.

O menino é muito calado e se recusara a falar por várias vezes, mas surpreendeu, quando após aplicar o desenho com seu irmão de oito anos (Caso 2) e solicitar as respostas ao questionário, se intrometeu e respondeu tudo acerca de seu irmão (Caso 2), que aceitou passivamente a intromissão. O voluntário acrescentou que um amiguinho de 11 anos dos dois, que também participava da oficina, revelou que o menino (Caso 1) “apanha”, mas não comentou sobre a identidade do agressor e também não foi questionado a respeito.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar de atirar flecha e beber água em casa;
- Gosta de brincar no castelo da escola e no local da escola e tem amigos lá;
- Quer aprender a jogar futebol na escola e não gosta de brincar com os brinquedos quebrados que tem na escola;
- Acha a escola limpa e na sala de aula, gosta mais de pintar;
- Achou legal pintar e desenhar nas oficinas, mas gostou mais de pintar;
- E acha que Paz é correr.

Desenho do Caso 1

Quando questionado sobre a identificação, repetiu a história do irmão (Caso 2), e disse que “também” era um trem.

A localização do desenho indica que pode ser um menino auto-dirigido e auto-centrado, o que pode ser considerado normal de acordo com sua idade.

Quanto ao traço do desenho, a análise psicológica evidenciou que o traço acentuado, como no caso do objeto com a cor vermelha cuidadosamente disposta, ocupando a área disponível, pode representar circunspecção, atividade disciplinada e bem limitada. E o contorno em preto, parece indicar um conflito vivido pela criança, mas que também pode ter ficado evidente, com a intenção inconsciente de chamar a atenção para desviar do foco importante que pode ser representado pelo traço leve.

O vermelho junto com o preto também pode ser interpretado como auto-agressividade, como a resistência em falar ou manter o “controle” social. Considerando esta hipótese, essa criança que, aparentemente não mostra nenhuma agressividade, pode, sem esperar, a ansiedade e a angústia se manifestarem nela de um modo explosivo. E a própria criança pode nem se entender, pois o preto bloqueia a energia do vermelho.

O contorno preto acentuado (parece um temor de castração pelo comentário do amigo em apanhar, ou ainda referente à relação com sua mãe, seu irmão) pode ter a interpretação de uma criança neurótica, com sentido de que o mundo é incerto, imprevisível ou perigoso, tendendo a procurar defender-se contra o caos externo ou interno, criando um mundo rigidamente organizado e altamente estruturado (que pode ser comparado com a resistência a falar de si mesma no comentário da examinadora). Pela força, sente que sem pressão, tudo se desagregará.

Em relação ao solo verde de uma rua, remete ao movimento, que pode representar o momento criativo, passageiro da oficina, mas se for trilhos de trem, que também lembram o movimento passageiro, acrescentam o “controle”, pois o trem, para andar, não pode sair dos “trilhos”.

Quanto ao objeto vermelho com contorno preto acentuado, caso seja a locomotiva do trem, pode-se imaginar um desejo oculto de mudança da atual situação, levando-se em conta a história de risco social em que vive e do comentário de um amiguinho sobre o menino “apanhar”; se for um carro, representa o modo como a criança se porta em relação aos demais, ou seja, uma criança que está habituada a se acomodar às normas estabelecidas ao seu redor, como na interpretação do trem que não sai dos trilhos; e, se o objeto for um animal, a criança pode experimentar certa dificuldade em ser compreendida pelos adultos. O tipo de animal assinala a origem de suas preocupações (necessidades físicas, emocionais, intelectuais) e se for um inseto, porque parece ter pernas, leva a pensar em rivalidade entre irmãos e ciúmes fraternos.

Quanto ao prédio de cor azul à esquerda do papel pode indicar inibição ou controle intelectual, introversão, ou também alguma lembrança do passado, ou relativa à mãe (a mãe pode manter um forte controle sobre ele). A porta grande proporcionalmente ao tamanho do prédio pode representar sua grande dependência dos outros (que combina com a comunicação feita pelo amiguinho), que é normal de acordo com a idade da criança.

O número limitado de janelas desse prédio pode representar a forma de dizer que essa criança quer ficar isolada. E o içador em vermelho pode indicar agressão, destruição, ódio, força e vigor, pois essa cor é mais emocional.

E quanto ao sol, que geralmente representa a energia masculina e define o nosso lado independente e combativo, ligeiramente à direita, pode revelar a percepção do pai ou figura masculina e esse sol radiante pode indicar certa tendência à violência verbal ou física por parte do pai.

4.1.1.2 Caso 2

Menino de 8 anos (Caso 2) com um irmão de 4 anos (Caso 1) também participante da Oficina. Vieram do Ceará e moram no cortiço há 3 meses apenas. O voluntário da ABraSOFFA considerou que “(...) *este menino [(Caso 2)] é muito pequeno para a idade que tem. É gentil, carinhoso com o amigo. Obediente.*” (aceitou passivamente a intromissão de seu irmão de 4 anos - Caso 1 - em suas repostas ao questionário. “(...) *Ele demorou em terminar o desenho* (pela idade da criança, um desenho relativamente fácil e rápido de ser feito)”.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar em casa;
- Gosta de Informática, estudar e brincar na escola e no local da escola e tem 4 amigos e 3 amigas na escola;
- Quer aprender Matemática e Geografia e não gosta quando a professora chama a sua “atenção”;
- Acha a escola limpa e na sala de aula, gosta mais de quando faz lição;
- Achou legal e gostou das oficinas, mas gostou mais de pintar;
- E acha que Paz é: não brigar, ser amigo e não roubar.

Desenho do Caso 2



Quando questionado sobre a identificação, disse que eram trilhos de trem. Utilizou apenas a cor azul em todo o desenho e virou a folha na horizontal para desenhar. O tracejado ao centro diz que são os trilhos do trem e um objeto feito à esquerda e acima na folha parece uma cancela ou uma cerca.

A escolha de se utilizar somente da cor azul para desenhar pode indicar que é uma criança introvertida e que deseja caminhar pelo seu próprio ritmo (que lembra a passividade com que permitiu a intromissão do irmão menor - Caso 1). Seguindo o mesmo contexto, não se deve forçá-la e nem fazê-la mudar de hábitos. Seus amigos não serão muito numerosos e serão ocasionais. Como o azul não se encaixa bem no estilo do desenho de trilhos de um trem, a criança trata de transmitir que se encontra num meio demasiado exigente e que desejaria um pouco de paz.

E a cerca ou cancela pode confirmar a repressão, que acaba por ser coerente com todas as informações e observações referentes às atitudes desta criança durante a Oficina.

4.1.1.3 Caso 3

Menino de 7 anos (Caso 3). O voluntário o considerou “(...) *Uma criança calma, que mora há pouco tempo no Bairro. Ficava sempre ao lado de uma amiguinha, como se ela o protegesse*”.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar com brinquedo e ir para a escola; e em casa, gosta de ajudar a mãe e de assistir desenho;
- Gosta de brincar com os brinquedos na escola; e tem amigos e amigas na escola;
- Quer aprender a brincar no parquinho e estudar e não gosta quando os outros batem nele na escola;
- Acha a escola limpa e na sala de aula, gosta mais de desenhar, pintar e assistir TV;
- Achou legal todas as oficinas, mas gostou mais de desenhar;
- E acha que Paz é: coração.

Desenho do Caso 3



Quando questionado sobre a identificação, disse que era uma cidade limpa, sem violência no trânsito. Desenhou a linha de solo marrom, acima um carro sem capota colorido e com rodas coloridas; depois uma rua em forma de morro amarela e na guia superior dessa rua fez um contorno com linha tracejada colorida; rente a essa guia colorida, colocou da direita para a esquerda: uma borboleta azul, uma flor azul claro, uma árvore e outra flor, pintada de preto pastel e mais ao lado desenhou uma figura humana sorrindo e um pouco mais distante, bem perto da margem esquerda, um prédio marrom e contorno azul, com duas portas vermelhas e janelas com vidraças em preto e acima do prédio, uma pequena torre azul com uma cruz azul em cima.

A localização do desenho na folha remete ao materialismo, fixação a terra e ao inconsciente, orientação para o concreto, insegurança e inadequação com possível depressão. No traço contínuo, indica a criança que respeita o seu ambiente, buscando o seu bem-estar físico.

A linha marrom do solo não apresenta firmeza em relação à realidade pode indicar um problema de sujeira, sentimento de culpa ligado à fase anal (de controle), o que parece confirmar a história que contou sobre o desenho: a cidade limpa. E a linha de solo das flores e árvore e em forma de arco-íris, sem dúvida conheceu tormentas no passado e não quer tornar a vivê-las.

O carro colorido parece indicar que está habituado a se acomodar às normas estabelecidas ao seu redor e o colorido à fantasia e as cores entrelaçadas podem representar menos controle emocional. Como colocou uma rua amarela ao centro e acima desse carro em forma de morro ou montanha, como linha de solo para as figuras que desenhou, revela as metas e os sonhos que necessitam concretizar-se imediatamente.

O desenho da árvore sobre a montanha pode indicar que existe algo que a empurra para diante ou talvez para superar um obstáculo. Uma igreja sobre a montanha reflete que a criança está vivendo, emocionada, uma determinada transformação e que tanto ela, quanto seus entes queridos, conseguirão harmonia e estabilidade após o dispêndio de uma grande energia. Essa transformação também pode se confirmar com a borboleta azul, onde está cor também simboliza a paz e tranquilidade que tem ou almeja encontrar.

As flores representam os sonhos da criança, seus desejos e projetos; em troca, a montanha está associada ao grande esforço.

A criança que é sensível ao ambiente paterno ou social costuma desenhar nuvens, o que denota que é consciente de que a sua vida contém tanto os momentos agradáveis como outros mais difíceis. Como elas são azuis indica que faz bom tempo (que pode ser no momento da Oficina), e a grande quantidade de pássaros ao lado das nuvens de maneira simétrica leva a pensar em certa rigidez e fixação no desejo de fazer várias coisas ao mesmo tempo (o que pode se relacionar com a ansiedade da montanha), mas também denota curiosidade e alegria.

A igreja marrom com contorno azul à esquerda pode representar a sublimação dos impulsos. Há possibilidade de suas crenças na fantasia serem fortes, estáveis no sentido de querer que sua casa fosse como a igreja, através das portas-balcão como sinal de boas-vindas, para quase todos que chegam, como se a vida fosse uma festa contínua, o que também pode configurar certa dependência dos outros. Ao mesmo tempo, as janelas com vidraças podem indicar isolamento, desejo de proteção contra os impulsos ou estímulos exteriores, podendo ser uma barreira; confirmado pelo contorno em preto que pode representar medo e tristeza.

A torre azul com a cruz da mesma cor pode indicar certa crença na espiritualidade, religiosidade que pode representar a fé de conseguir realizar os seus sonhos depois de todo o sacrifício e esforço. Aqui, também, a Oficina pode representar concretamente a esperança e a possibilidade de realização de seus sonhos.

A figura humana representa a própria criança que, rodeada de flores ou de seus sonhos pode ter acentuada crença na fantasia, como escape da dura realidade que enfrenta como hipótese principal. Os braços abertos na horizontal podem representar uma necessidade de interagir com os demais, mostrando que a criança está disposta a receber tudo o que possam lhe oferecer.

4.1.1.4 Caso 4

Menino de 7 anos (Caso 4) e fez 3 desenhos sem solicitação. Segundo o voluntário: “(...) *Uma criança que muito alegre, que parecia feliz.*”.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar em casa e na escola de pular corda;
- Tem quatro amigos na escola;
- Quer aprender a fazer lição e não apresentou nada que não gosta na escola;
- Acha a escola limpa e na sala de aula, gosta mais de fazer lição;
- Achou boas as oficinas, mas gostou mais de pintar;
- E acha que Paz é: alegria.

Desenho A do Caso 4



Quando questionado sobre a identificação, disse que era uma casa sem brigas e rios limpos.

No primeiro desenho, criou as ondas dos rios e iniciou a pintura das ondas com azul, mas não deu continuidade; o barco amarelo grande sobre as ondas com uma bandeira vermelha presa ao mastro; o sol amarelo à esquerda, com o contorno e os raios em preto e as nuvens ao lado direito do sol, com o contorno em preto e iniciado a pintura azul à esquerda da nuvem, mas inacabado.

A localização do desenho na folha remete ao materialismo, fixação a terra e ao inconsciente, orientação para o concreto, insegurança e inadequação com possível depressão. No traço cortado do barco e das ondas, a criança apresentou interrupções e recomeços, evidenciando que o movimento inicial foi muito impulsivo e que, depois, rapidamente, sua trajetória não está seguindo a direção desejada, indicando que a criança pode ficar indecisa perante às mudanças.

O desenho de tamanho grande revela segurança e também pode estar chamando a atenção, por não acreditar que lhe prestam atenção. Parece gostar de chamar a atenção, principalmente porque tem vermelho, laranja e amarelo. Há a possibilidade de ser muito exigente e talvez nunca satisfaça seu ego.

A bandeira vermelha pode ser um alerta de que tem muita curiosidade em novos conhecimentos, ou um alerta para as pessoas que chegam com informações novas, e causar certa indecisão perante as mudanças.

O barco pode representar a dependência confirmada pelo rio e a dificuldade de tomada de decisão, pois está á mercê do vento. Mas também pode ser interpretado como uma entrega alegre ao momento (oficina). O barco também pode indicar o desejo de uma grande capacidade de adaptação às circunstâncias imprevistas e isso o agrada, pois gosta de manter o controle em detrimento de se deparar com

mudanças, mas na verdade, parece se acomodar facilmente às situações de vida e que, ao mesmo tempo, possui uma grande sensibilidade e intuição. Entretanto, não está bem equipado para agüentar os grandes temporais e, por isso, precisa de alguém ao seu lado, em caso de necessidade.

O sol amarelo, com raios e contorno preto à esquerda do desenho, pode representar a influência de uma mãe independente que age sem levar muito em consideração os demais e, talvez, por sentir-se carente, esteja mais sensível ao ambiente paterno ou social, o que denota que sabe que sua vida tem momentos agradáveis, mas também outros mais difíceis - possibilidade esta representada pelas nuvens maiores que o sol. O azul inicial das nuvens indica bom tempo e tranqüilidade, paz e acabam repentinamente ou também pode reafirmar o ambiente social materno exigente e o branco em seguida, que quer neutralizar acontecimentos passados.

Esse movimento de não acabar sua pintura, pode representar um pouco de ansiedade ou muita curiosidade em outras atividades.

Desenho B do Caso 4

Quando questionado sobre a identificação, disse que era uma casa sem brigas e rios limpos.

Desenhou um sol amarelo brilhante com os raios e contorno em preto à esquerda da folha e à direita do sol, várias nuvens em azul com o contorno em preto na metade superior; a casa tem a parede pequena da frente em rosa com uma minúscula porta em branco e a fechadura do lado esquerdo da porta; a parede da lateral em verde claro e um quadrado verde pequeno como janela, no centro da parede; na parte superior da parede rosa da frente tem um triângulo em amarelo brilhante, que parece ter ligação com o telhado bem pequeno com telhas simétricas; e tudo com o contorno em preto.

A localização da casa na folha de papel está no terceiro quadrante, que sugere grande necessidade de se movimentar e queimar energia, que acaba por confirmar

o movimento do desenho A do barco. Carece de delicadeza, tanto nos seus movimentos como nas suas palavras, e pode tornar-se demasiadamente brusco. Tem caráter forte e não muda de opinião, tão facilmente. Sua principal força é o espírito de competição e bloqueia a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar.

As nuvens à direita e com o sol à esquerda se repetem como no desenho A do barco, mas aqui aumenta o número de nuvens, o que sugere mais acentuado a fuga ao ambiente paterno ou social, em relação à influência materna exigente.

O traço contínuo da casa pode representar uma possível agressão e hostilidade para com o ambiente e um esforço para manter o equilíbrio da personalidade, mantendo uma falta de adaptação.

O verde da casa representa a curiosidade, o conhecimento e o bem-estar social. Parece demonstrar certa maturidade quando compreende as coisas que são explicadas e, em seguida, aproveita experimentando-as por si mesmo. De natureza sensível e intuitiva, sabe quando mentem para ela ou quando escondem certos fatos. Sua imaginação se compensa pela sua iniciativa. Sua energia é muito constante e é raro que fique doente. O bloqueio da energia do vermelho é seguro pelo preto. Não demonstra nenhuma agressividade aparente, mas diante de muita ansiedade e angústia pode se manifestar de maneira explosiva, ficando confusa até para ela mesma se entender.

O triângulo amarelo é uma reclamação à energia divina ou à própria mãe, que lhe transita seus conhecimentos, de natureza mais sensível, intuitiva e mais criativa que outra. Tem um grande potencial e é provável alcançar suas metas com grande facilidade. Aqui também indica que sua mãe pode ser violenta verbal e fisicamente e muito controladora por impor-lhe a vontade.

A porta fechada representa a auto-defesa, aspecto de regressão, defesa contra o mundo, e o telhado pode representar que a criança está tentando defender-se contra a ameaça de uma ruptura no controle da fantasia.

Desenho C do Caso 4



Quando questionado sobre a identificação, disse que era uma casa sem brigas e rios limpos. Repete o elemento casa do desenho B, mas ao invés de nuvens à direita na metade superior da folha, apresenta pássaros rosa; a casa tem todo o contorno em rosa e a parede pequena da frente em branco com uma minúscula porta em branco e a fechadura no centro da porta; a parede da lateral em amarelo e um quadrado branco pequeno como janela, no centro da parede; na parte superior da parede branca da frente tem um triângulo em branco, que parece ter

ligação com o telhado bem pequeno com telhas simétricas; e tudo com o contorno em rosa.

Os pássaros ao lado direito da folha de maneira simétrica indica certa rigidez e fixação no desejo de fazer várias coisas ao mesmo tempo em relação ao ambiente materno, mas também denota curiosidade e alegria.

A criança que se apegue ao rosa procura suavidade e ternura. Deseja conhecer e ter contato só com as coisas agradáveis e fáceis. Seu lado positivo é que ela é adaptável e se torna fácil estabelecer um bom contato com ela. O aspecto negativo é a vulnerabilidade diante das situações mais ou menos agradáveis.

Como repete o mesmo desenho B da casa e apenas muda a cor, não é necessário interpretar os mesmos aspectos.

4.1.1.5 Caso 5

Menina de 9 anos (Caso 5). Mora com a mãe, uma senhora e seu irmão de 13 anos (Caso 6), que também foi um participante da Oficina. Segundo o voluntário: *“(...) Ao conversar, ela nos contou que está sendo agredida na escola”. Vieram várias crianças juntas com ela.*

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar e ler livro na escola; e em casa, gosta de brincar e de fazer lição;
- Tem quatro amigas e três amigos na escola;
- Quer aprender a mexer no computador na escola;

- Acha a escola limpa e na sala de aula, gosta mais de fazer lição e não gosta quando os amigos mexem – não foi questionada;
- Achou legal todas as oficinas, mas gostou mais de conhecer novos amigos;
- E acha que Paz é: ficar de bem com todos.

Desenho do Caso 5



Quando questionada sobre a identificação, disse que era uma casa feliz. Desenhou a linha de solo verde claro, ligadas a dois arbustos da mesma cor nas laterais grudadas às margens: direita e esquerda; sobre a linha de solo, a casa bem ao centro entre estes arbustos com as paredes brancas e o telhado bem trabalhado na cor amarela e o contorno de toda a casa, telhado, telhas, porta e janela bem pequena e vaso na janela tudo marrom; a flor no vaso da janela tem o contorno

marrom e caule azul; à direita da casa está uma árvore com um tronco forte com nó na parte central do tronco e galho à esquerda da árvore, com o contorno marrom no tronco e galho e a copa com um contorno bem fino verde bem claro e frutas vermelhas, sendo a copa pequena, bem desproporcional ao tronco; fez uma menina à esquerda da casa, com cabelo comprido, laços azuis nos cabelos, com rosto, olhos, nariz e boca rosa, corpo em forma de triângulo marrom, pernas azul claro e braços azul escuro abertos na horizontal; finalmente o sol brilhante, sem raios acima da folha e bem na direção do centro do telhado da casa e nuvens com contorno azul nas laterais do sol, com ele ao centro das mesmas.

O que mais chama a atenção no desenho é a simetria presente nas nuvens e arbustos, o sol sem raios, a copa da árvore pequena em relação ao tronco, que também apresenta um nó na madeira, o vaso na janela da casa e o corpo da figura feminina em forma de triângulo e o telhado da casa cheio de linhas cruzadas.

O arbusto nas laterais do desenho indica toda a imaginação e criatividade que tem e sempre demonstrou e demonstrará: como um mecanismo possível de defesa, que indica “não desistam de mim” e ao mesmo tempo, representa insegurança. É como se a expressão da criança fosse: “Não gosto de perguntas ou questionamentos, mas não desistam de mim, pois sou graciosa e interessante, confirmado com o tímido galho”.

A porta pequena em relação ao tamanho da casa demonstra certa dificuldade de relacionamento, timidez e terror nas relações com os outros.

A criança parece se desenhar como uma menina à esquerda no papel, ou seja, aparenta certa tendência a não querer crescer – um laço com o passado. Ao mesmo tempo, os laços nos cabelos são um sinal de vaidade, para se embelezar, parecendo tratar-se de uma menina orgulhosa de si mesmo.

O corpo em forma de triângulo remete a uma curiosidade a respeito do pensamento, do corpo, o que parece se confirmar no tronco da árvore, quando ela desenha o nó na madeira do tronco da árvore, que parece representar o despertar da sexualidade, própria de sua idade.

Há bastante contradição neste desenho, representando bem a passagem da infância para a puberdade.

As nuvens sobrepostas acima da casa, de forma simétrica e o sol entre elas, me fazem pensar que, em seu ambiente social (podendo ser o momento da oficina) pode haver momentos agradáveis, caso consiga manter o controle de seus instintos conscientemente, como o seu desejo de maneira inconsciente, confirmado pelo entrelaçamento do telhado, que é colorido com amarelo: que pode representar o desejo de alegria, conhecimento e curiosidade.

E a árvore com frutos representa a sua imaturidade e carência afetiva e a copa achatada é a tentativa de rejeitar a área da fantasia porque está acompanhada de culpa.

A localização do desenho na folha indica segurança, auto-valorização, emotividade, comportamento emocional e adaptativo, equilibrado, parecendo uma pessoa centrada em si mesma e auto-dirigida, que podemos pensar que esta sensação pode ser referente ao momento (oficina).

4.1.1.6 Caso 6

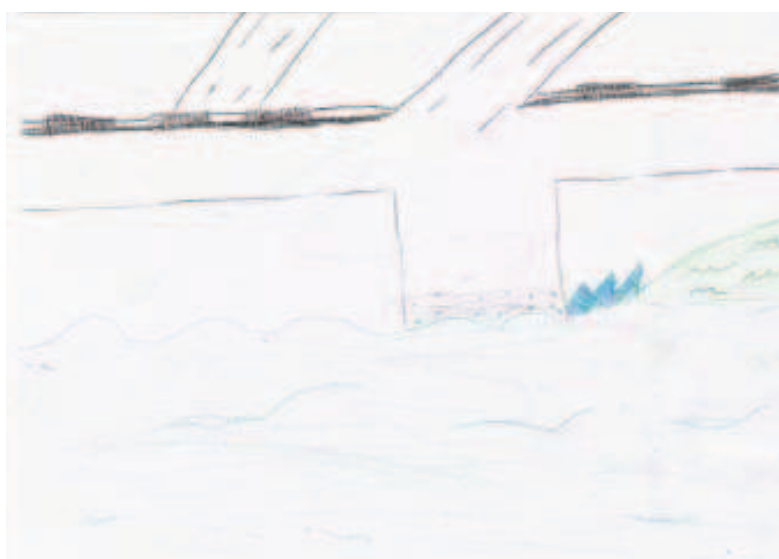
Menino de 13 anos (Caso 6). Mora com a mãe, uma senhora e sua irmã de 9 anos (Caso 5), que também foi participante da Oficina. Como desenhou rapidamente, fez 2 desenhos. Segundo o voluntário, “(...) *Esse menino é agressivo,*

pois na Oficina de construção de Pipas, sem querer alguma criança quebrou a pipa dele e, ele de raiva, foi quebrando todas as pipas de todos e bateu em algumas crianças. Este fato ocorreu um ano antes. Atualmente, ele nos ajuda, é amoroso conosco, amigo e prestativo. Divide os lápis e ele ajuda os outros. Fez o desenho rapidamente. Os onze adultos examinadores tiveram dificuldade de conter a agressividade e hostilidade do menino”.

Respostas do Questionário:

- Gosta de ajudar a sua mãe em casa e de jogar futebol na escola;
- Tem seus pais como seus amigos;
- Quer aprender a nadar na escola;
- Acha a escola limpa e na sala de aula, gosta mais de Língua Portuguesa e não gosta da professora de Matemática.
- Achou legal todas as oficinas, mas gostou mais de fazer a pipa;
- E acha que Paz é: harmonia, humildade e disciplina.

Desenho A do Caso 6



Não foi questionado sobre a identificação, ficando difícil a análise do desenho. O desenho parece um píer na rua marginal ao mar, com as ondas do mar em azul claro e uma determinada onda azul claro mais acentuado batendo no píer, além de ter ao lado desta onda, um traçado verde, que não fica nítido se é água numa outra cor ou uma prainha com grama. A rua marginal ao mar parece ser uma área de conflito, pois o traçado está bastante marcado e ainda há duas aberturas nesta rua que parece outras duas ruas transversais.

O que mais chama a atenção no desenho é a marca da rua, o que faz pensar em “qual conflito existe na rua”. O píer pode representar um vínculo interrompido, o que combina com a atitude intempestiva, agressiva que apresentou anteriormente ao participar da Oficina das Pipas, ao ver sua pipa quebrada, projetando, talvez, o sentimento revivido da situação conflitante que vivencia ou já vivenciou. E como desenhou em preto e branco o píer e a maioria dos elementos, parece confirmar o conflito de ansiedade, depressão, grandes temores.

O mar representa imaturidade e o rio indica a vida afetiva de quem desenha e novamente esses elementos representam esse conflito. A onda de um azul mais acentuado pode indicar o momento de interrupção de vínculo afetivo, causando os grandes temores, depressão e ansiedade a ponto de agredir os colegas e quebrar todas as pipas, mas o que me chama a atenção é o espaço verde que possivelmente representa indivíduo emocionalmente fraco, imediatista, inibido, mas também a criação e reprodução, o que me leva a pensar em algum relacionamento íntimo.

O saudável aparente deste desenho pode ser as ruas transversais à rua marginal, que pode ser interpretadas como saídas alternativas como solução do conflito (rua tão marcada).

Desenho B do Caso 6

Não foi questionado sobre a identificação, ficando difícil a análise do desenho. O desenho parece uma pedra à direita e à esquerda uma pedra com algo ligado, ou uma pata de animal. Tudo em preto e branco.

Se forem pedras, elas podem representar uma “pedra” ou bloqueio sobre um determinado assunto, que causa ansiedade, depressão, grandes temores em relação às cores: preto e branco.

4.1.1.7 Caso 7

Menino de 11 anos (Caso 7). Mora com a mãe, que trabalha na noite e sua irmã de 5 anos (Caso 8) que também participou da Oficina em apartamento de cortiço (que não tem nem TV e nem sofá), junto com outra família: a mãe e mais 6 crianças, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menino de 4 anos (Caso 10), menino de 7 anos (Caso 11), menina de 11 anos (Caso 12),

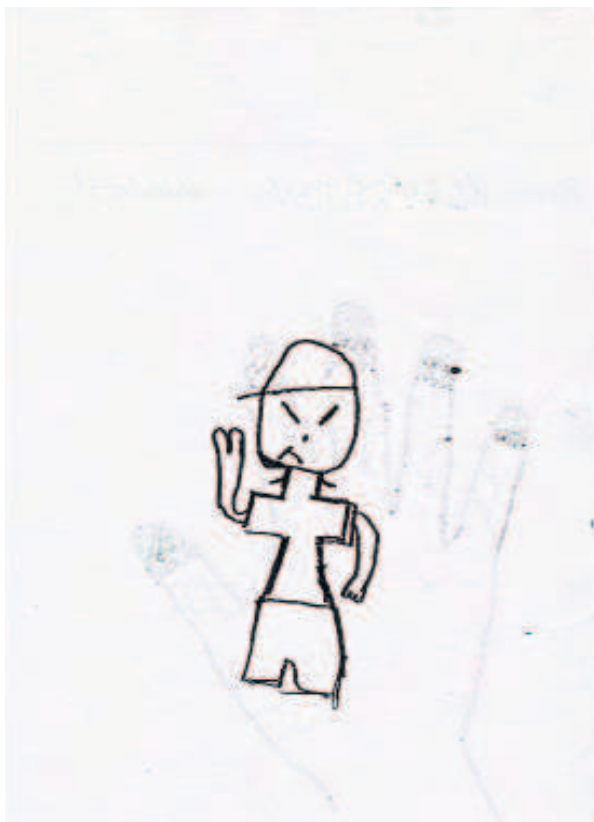
menina de 8 anos (Caso 13) e menina de 6 anos (Caso 14). Segundo o voluntário:

“Quando foi chamar as crianças para participarem da Oficina, a irmã de 5 anos, parecendo uma adulta não deixou que a mãe, que trabalha na noite aparecesse de sutiã apenas, atendendo a gente na porta. (...) A mão do boneco do desenho representa o ‘V’ de Vitória. Fez o desenho rapidamente”.

Respostas do Questionário:

- Gosta de jogar bola e brincar com os primos em casa; e na escola gosta de fazer lição de Português e Matemática;
- Tem quatro amigos;
- Quer aprender a jogar vôlei na escola;
- Não gosta da professora gritando e falando “palavrões” na escola;
- Acha a escola limpa, mas acha que lá precisa de um ventilador que funcione;
- E na sala de aula, gosta mais de estudar e brincar.
- Gostou muito das oficinas, mas gostou mais do álcool em gel;
- E acha que Paz é: não brigar com as pessoas e não ser incomodado.

Desenho do Caso 7



Questionado sobre a identificação, falou que ser feliz é viver em Paz; foi perguntado o que o boneco fazia com a mão e ele disse que era o “V” de Vitória. O menino falou: *“Na escola falta o teatro; as pessoas não devem incomodar as outras.”* Ele disse que não gosta de sorrir.

A figura humana desenhada com todo o contorno em preto, sem pernas e pés, com boné de lado e rosto com expressão de desagrado ou de força; na mão para cima, simboliza o “V” de Vitória e marca o contorno no corpo nas laterais do abdômen e do lado esquerdo do contorno do quadril.

O menino desenhado, com o contorno em preto, remete sobre o Inconsciente e que o futuro não o assusta e que se adapta facilmente ao imprevisto.

O desenho parece projetar sua atitude hostil ou vencedora e seus olhos e boca parece apresentar raiva e a boca côncava indica um sadismo verbal controlado e pode ser também a tentativa de esconder a dependência e a oralidade erótica, e ainda, pessimismo, depressão e mau humor, o que confirma no pescoço grosso, que revela mau humor, obstinação e perfil instintivo – um mecanismo de compensação.

Os olhos em forma de traço indicam introversão, não aceitação do meio e imaturidade afetiva. A parte inferior do tronco aberta e bem marcada em seu contorno denota a possibilidade de preocupação sexual.

A ausência de pernas indica possibilidade de deterioração, neurose e a ausência dos pés, pode representar insegurança do passo e de adaptação sexual. Esta omissão das pernas e pés também pode indicar repressão, dificuldade de relacionamento e sentimento de desvalia, o que parece aparecer em sua resposta ao questionário: *“(...) disse que não gosta de sorrir e que Paz é não brigar com as pessoas e não ser incomodado”*.

A roupa representa hesitação no crescer e certa identificação infantil e o boné pode indicar preocupação sexual e natureza exibicionista. O boné pode indicar que dissimula os seus pensamentos e que esconde certos “segredos”, que considera seus, como auto-proteção; e também que é uma tentativa de esconder os cabelos como se quisesse controlar seus impulsos, seus pensamentos.

Os braços demonstram a ambivalência de ser um vencedor e um derrotado, mesclando ambição e inatividade e a possibilidade da solução estar na fantasia.

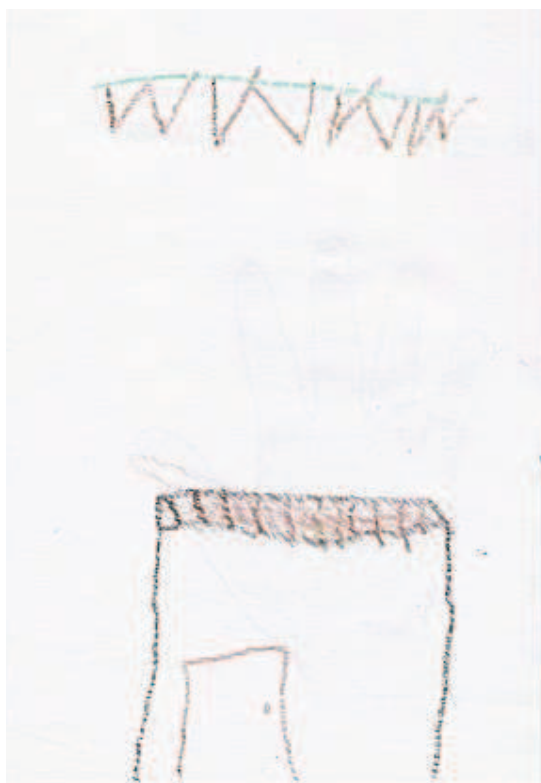
4.1.1.8 Caso 8

Menina de 5 anos (Caso 8). Mora com a mãe e seu irmão de 11 anos (Caso 7) que também participou da Oficina em apartamento de cortiço (que não tem nem TV e nem sofá), junto com outra família: a mãe e mais 6 crianças, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menino de 4 anos (Caso 10), menino de 7 anos (Caso 11), menina de 11 anos (Caso 12), menina de 8 anos (Caso 13) e menina de 6 anos (Caso 14). As mães trabalham na noite. Segundo o voluntário *“Quando foi chamar as crianças para participarem da Oficina, parecendo uma adulta não deixou que a mãe, que trabalha na noite aparecesse de sutiã apenas, atendendo a gente na porta (...) a criança estava toda arrumada”*.

Respostas do Questionário:

- Não gosta de fazer nada em casa; e na escola gosta de brincar;
- Não tem amigos;
- Quer aprender a desenhar na escola;
- Não há nada de que não goste na escola;
- Acha a escola limpa;
- E na sala de aula, gosta mais de brincar de boneca.
- Gostou das oficinas, e gostou de tudo, sem nenhuma preferência;
- E não sabe o que é Paz.

Desenho do Caso 8



Não foi questionada sobre o desenho, uma casa de frente ao centro da folha de papel, com o desenho apenas da parede principal com a porta, com um telhado pequeno pintado de marrom e contorno em preto (todo riscado e marcado) e uma porta de contorno marrom à esquerda da parede da casa. Toda a casa com contorno em preto. Acima da casa, na parte superior do papel tem uma linha verde e pende em direção da casa, “bandeirinhas” marrons, ou ainda pode ser chuva e também a folha pode ter sido virada para fazer um solo verde e grama marrom.

O desenho feito na metade inferior da folha pode representar materialismo, fixação a terra ou ao Inconsciente, orientação para o concreto, insegurança e inadequação, com depressão. Estas interpretações corroboram com a atitude madura referente a ter impedido de a mãe atender às examinadoras de sutiã, o que não condiz com a sua idade.

O marrom da casa indica que a criança aprecia a segurança, a boa alimentação, uma cama fofa e a cama.

O desenho parece projetar a fase mais emocional da menina e a porta revela boas-vindas, dirigidas para quase todos que chegam como associar com a excessiva dependência dos demais; mas a porta fechada pode lembrar a auto-defesa. A vida pode parecer uma festa e a fechadura do lado direito pode indicar uma criança que quer mudar. Necessita ser constantemente estimulada e motivada, porque se encanta com surpresas.

4.1.1.9 Caso 9

Menina de 5 anos (Caso 9). Mora em apartamento de cortiço com a mãe e seus 5 irmãos, que também participaram da Oficina: menino de 4 anos (Caso 10), menino de 7 anos (Caso 11), menina de 11 anos (Caso 12), menina de 8 anos (Caso 13) e menina de 6 anos (Caso 14). E outra família vive junto com eles: a mãe e seus 2 filhos: menino de 11 anos (Caso 7) e a menina de 5 anos (Caso 8) que também participaram da Oficina. As mães trabalham na noite.

Respostas do Questionário:

- Gosta de desenhar em casa; e na escola gosta de pintar;
- Tem amigos que vieram do Ceará (que devem ser as crianças da outra família que moram com ela);
- Quer aprender a pintar e escrever na escola;
- Não há nada de que não goste na escola;
- Acha a escola limpa;

- E na sala de aula, gosta mais de brinquedo e de filme.
- Gostou das oficinas e achou legal; gostou mais de pintar;
- E não sabe o que é Paz.

Desenho do Caso 9



Questionada sobre o desenho, respondeu que era um papagaio. Uma figura que aparenta ser um papagaio de cabeça amarela, com pescoço mesclado de amarelo e verde e o bico verde na parte central à direita da folha; sobre a cabeça do papagaio, o contorno verde de um losango; abaixo e à direita do papagaio uns riscos azuis, no lado esquerdo deste, um espaço colorido com marrom, rosa, amarelo e verde e o contorno azul bem fino e mais à esquerda um espaço pintado de marrom.

O desenho feito na metade direita da folha pode representar extroversão, altruísmo, atividade, socialização, relação com o futuro, progresso.

O pássaro, muito comum nos desenhos infantis, denota muita alegria e curiosidade, mas também o desejo de fazer várias coisas ao mesmo tempo, o que corrobora com a extroversão.

O conjunto de cores pode ser visto como um arco-íris, o que representa algo mágico de proteção para as crianças e indica alguém que já conheceu tormentas e não quer passar por isso novamente. Como as cores estão dispostas uma ao lado da outra e separadas podem indicar expansão, mas com emoções controladas, desejo de ordem, equilíbrio, o que me leva a pensar em sua moradia e a possível falta de organização.

4.1.1.10 Caso 10

Menino de 4 anos (Caso 10). Mora em apartamento de cortiço com a mãe e seus 5 irmãos, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menina de 6 anos (Caso 11), menino de 7 anos (Caso 12), menina de 8 anos (Caso 13) e menina de 11 anos (Caso 14). E outra família vive junto com eles: a mãe e seus 2 filhos: menino de 11 anos (Caso 7) e a menina de 5 anos (Caso 8) que também participaram da Oficina. As mães trabalham a noite. Segundo o voluntário: *“Tem medo, mas não explica muito; fala pouco; a menina do lado falou que ele apanha de amigos. Ele segurou minha mão quando fomos buscar as crianças em casa, é amoroso, mas bem tímido, quase não fala mesmo e demora a responder perguntas”*.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar de carrinho em casa; e na escola gosta de fazer a lição;
- Tem 6 amigos e considera seu irmão também como amigo: contando com o irmão, tem 3 amigos e três amigas;
- Quer aprender a ler na escola;
- Não gosta de ir sozinho no banheiro na escola;
- Acha a escola limpa;
- E na sala de aula, gosta mais de brincar.
- Gostou das oficinas e não respondeu sobre a que mais gostou;
- E Paz é: não apanhar.

Desenho do Caso 10

Não foi questionado sobre o desenho, que consiste em rabiscos pretos que tomam todo o papel e ao centro faz um rabisco verde.

O rabisco toma todo o papel, mas ocupa seu lugar de modo bem definido.

A escolha da cor preta para os rabiscos representa o Inconsciente, tudo aquilo que não vemos, o que pode sugerir uma dissimulação de seus pensamentos, velando certos “segredos” que ele considera seus e também pode ser uma forma de auto-proteção. Pode indicar muito medo e tristeza, o que confirma o medo da criança nas respostas ao questionário, quando tem que ir ao banheiro da escola sozinho, ou que tem medo de apanhar. Este contexto indica que maus tratos esta criança pode estar recebendo, ou que fantasias negativas estão tão intensificadas em seu mundo infantil.

E o verde sugere no conteúdo emocional uma criança emocionalmente fraca, inibida. Tem uma natureza sensível e intuitiva e sabe quando estão mentindo para ela, ou quando estão escondendo certos fatos e fico imaginando que, se isso ocorre com frequência, fica bem explicado a fragilidade e temor que ela expressa. Tem tendência a imaginar bastante e pouca tomada de iniciativa.

4.1.1.1 Caso 11

Menina de 6 anos (Caso 11). Mora em apartamento de cortiço com a mãe e seus 5 irmãos, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menino de 7 anos (Caso 12), menina de 11 anos (Caso 14), menina de 8 anos (Caso 13) e menino de 4 anos (Caso 10). E outra família vive junto com eles: a mãe e seus 2 filhos: menino de 11 anos (Caso 7) e a menina de 5 anos (Caso 8) que também participaram da Oficina. As mães trabalham a noite. De acordo com o

voluntário “O tempo todo emburrada, um pouco agressiva. No final da oficina não queria ir embora e na despedida se negou a nos beijar”.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar em casa; e na escola gosta de fazer a lição;
- Tem 4 amigos e 2 amigas;
- Quer aprender a lição na escola;
- Não gosta da biblioteca na escola;
- Acha a escola limpa;
- E na sala de aula, gosta mais de tabuada.
- Achou legal, as oficinas e gostou mais da Oficina de Argila;
- E Paz é: respeitar a mamãe.

Desenho do Caso 11



Foi questionada sobre o desenho e disse: *“A Paz é estar com os amigos”*. O desenho consiste numa linha de solo verde e irregular na parte inferior da folha. À esquerda da folha, acima da linha de solo, é tudo desenhado em contorno preto, desenha uma menina de cabelos longos divididos, desenhando corpo e pernas e pés, e escreve em letra espelhada o nome de uma amiga presente; ao lado direito desta, outra amiga com cabelos longos, de laço no cabelo e corpo e membros (palito), mais à direita, outra amiga sem laço na cabeça, mas de corpo e membros (palito) e sem boca; bem à direita desta, parece se desenhar com roupa, membros e laço enorme na cabeça e parece estar sorrindo. E ainda encostada a margem direita, uma árvore. E, finalmente na margem superior tem uma linha verde irregular e com “V”s da mesma cor e um sol verde em cada extremo da margem esquerda e direita.

A linha de solo verde irregular que pode representar que a criança fantasia bastante a realidade. E o sinal angular verde em cima pode indicar que essa criança tem muita agressividade ao fantasiar, revelando um perfil bem hostil.

O cabelo da primeira menina pode indicar uma reação agressiva a algo que a criança não aceitou dentro do grupo. As mãos para trás podem indicar uma menina que deseja atrair, mas rói unhas. E apresenta a menina de vestido o que pode ser visto como uma proteção.

A segunda menina desenhada em corpo-palito pode não ter muito valor, mas apresenta laços no cabelo o que pode ser alguma preocupação com a beleza ou com os pensamentos. E a terceira menina sem boca, parece incomodar a comunicação dela, ou tem medo de dizer algo que possa desagradar.

A criança se desenhou à direita da folha, o que pode representar uma tendência a pensar no futuro, em contraste com a dificuldade de controlar sua

agressividade. E se colocada no desenho com vestido e com um enorme laço no cabelo, o que pode representar uma compensação para o perfil hostil.

E a árvore à direita, que remete ao futuro, pode indicar que a criança tem receio da dificuldade de se libertar de certos estados de ânimo.

Um trabalho maior, além das oficinas, parece que daria muita força para seu ego e enfrentar e superar os obstáculos que julga intransponível. É uma criança que deve ter muita necessidade de afetividade.

A Oficina, que foi realizada em grupo, deve ter acentuado a carência afetiva desta criança, deixando-a muito hostil. É o tipo de criança que deve ser transformada em auxiliar, para se sentir amada e com valor.

4.1.1.12 Caso 12

Menino de 7 anos (Caso 12). Mora em apartamento de cortiço com a mãe e seus 5 irmãos, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menina de 6 anos (Caso 11), menina de 11 anos (Caso 14), menina de 8 anos (Caso 13) e menino de 4 anos (Caso 10). E outra família vive junto com eles: a mãe e seus 2 filhos: menino de 11 anos (Caso 7) e a menina de 5 anos (Caso 8) que também participaram da Oficina. As mães trabalham na noite. Segundo o voluntário: *“Não tinha muita paciência e queria acabar logo, porque toma conta dos carros na frente do mercado. Ele ia e voltava. Fica na rua o tempo todo, pois ajuda a família”.*

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar em casa; e na escola gosta de desenhar;
- Tem 3 amigos;

- Quer aprender a ler e escrever na escola;
- Não gosta de ficar de castigo na escola;
- Acha a escola limpa;
- E na sala de aula, gosta mais de fazer lição.
- Achou legal, as oficinas e gostou mais de pintar e brincar com a Argila;
- E Paz é: brincar.

Desenho do Caso 12



Não foi questionado sobre o desenho. Todo o desenho da casa e linha de solo angular teve a opção pela cor verde clara; a casa ocupou a metade inferior da folha, com um telhado pequeno desproporcional ao tamanho da casa e desenhou dois andares e presente a transparência na casa, pois colocou uma cômoda do lado

esquerdo da casa e do lado direito uma mesa e em cima uma TV com antena; um triângulo pode dar seguimento ao telhado. E, finalmente, desenhou na margem esquerda superior, um sol amarelo brilhante com raios de contorno preto, entre nuvens: azul escura com o contorno em azul claro.

A linha de solo verde angular aponta para bastante agressividade e com a casa grande que denota que está vivendo uma fase de intensa emotividade e pode sentir uma grande angústia, pois a transparência da casa que se vê os móveis no interior pode representar duas possibilidades.

A primeira delas pode indicar uma criança inteligente e intuitiva, capaz de perceber os pensamentos dos outros ou de prever a solução de uma determinada situação, ou seja, enxerga além das aparências.

E a segunda possibilidade, menos favorável, a tendência de mentir e camuflar seus pensamentos. É consciente de seu comportamento e se sente culpada, mas gostaria de ser desmascarada ou libertada dessa carga. Quer ajuda para se expressar. A opção pelo verde revela certa maturidade e pode se sentir superior aos demais, principalmente se as pessoas não conseguem descobrir as suas mentiras.

As nuvens sobrepostas acima da casa, de forma simétrica e o sol entre elas, me fazem pensar que, em seu ambiente social (podendo ser o momento da oficina) pode haver momentos agradáveis, caso consiga manter o controle de seus instintos conscientemente, como o seu desejo de maneira inconsciente, confirmado pelo entrelaçamento do telhado, que pode indicar confusão em seus pensamentos e atitudes em relação ao outro, pois sabe que precisa de ajuda para conseguir realizar seus sonhos e como se acha brilhante como o sol, acredita que se mentir, não será descoberta, mas ao mesmo tempo quer se ver livre desse peso.

4.1.1.13 Caso 13

Menina de 8 anos (Caso 13). Mora em apartamento de cortiço com a mãe e seus 5 irmãos, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menina de 6 anos (Caso 11), menina de 11 anos (Caso 14), menino de 7 anos (Caso 12) e menino de 4 anos (Caso 10). E outra família vive junto com eles: a mãe e seus 2 filhos: menino de 11 anos (Caso 7) e a menina de 5 anos (Caso 8) que também participaram da Oficina. As mães trabalham a noite. Conforme o voluntário: *“Tinha medo de apanhar no cortiço. Fala pouco. Esta menina foi a que queria sair de casa com calça, mas a mãe brigou com ela e ela saiu com cara de choro; parecia carente e ficou um tempão com cara de choro”.*

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar em casa; e na escola gosta de fazer lição;
- Tem 1 amigo e 1 amiga;
- Quer aprender a mexer no computador;
- Não gosta da sujeira na escola;
- Acha a escola mais ou menos limpa;
- E na sala de aula, gosta mais de pintar;
- Achou legal, as oficinas e gostou mais de pintar e brincar com a Argila;
- E Paz é: ninguém brigar.

Desenhos do Caso 13



Não foi questionada sobre o desenho. Os desenhos foram analisados em conjunto por ser o segundo um traço que complementa o primeiro.

A linha de solo angular teve a opção pela cor verde clara; a árvore ocupou a metade inferior da folha, com um tronco pequeno desproporcional à copa da árvore; fez frutos e acima da copa da árvore fez 2 riscos amarelos. No outro desenho fez um laço amarelo ou pode ser uma pomba amarela.

A linha de solo verde angular aponta para bastante agressividade e com a casa grande, que denota que está vivendo uma fase de intensa emotividade, e pela copa da árvore, parece que tem dificuldade de se libertar de certos estados de ânimo, pois aparenta exigir pouco de si mesma. A copa envolvida por uma membrana indica que a criança é mais retraída e tímida, mas as folhas revelam preocupação com a aparência e ingenuidade. E, em contrapartida, os frutos representam o desejo de maturação, de compreender os problemas da vida, impaciência.

A base do tronco da árvore mais estreita remete a uma saúde física ou mental muito frágil. Quanto aos riscos amarelos, não há como interpretar.

4.1.1.14 Caso 14

Menina de 11 anos (Caso 14). Mora em apartamento de cortiço com a mãe e seus 5 irmãos, que também participaram da Oficina: menina de 5 anos (Caso 9), menina de 6 anos (Caso 11), menina de 8 anos (Caso 13), menino de 7 anos (Caso 12) e menino de 4 anos (Caso 10). E outra família vive junto com eles: a mãe e seus 2 filhos: menino de 11 anos (Caso 7) e a menina de 5 anos (Caso 8) que também participaram da Oficina. As mães trabalham na noite. Segundo o voluntário: *“Demorou no término do desenho. É uma criança maior, parece ser a mais velha da família e tem ar de responsável dentro de casa; se não me engano, quando chegamos, a mãe dela estava de sutiã e ela orientou a mãe a colocar uma blusa para nos receber. Tinha um ar alegre naquele dia”*.

Respostas do Questionário:

- Gosta de brincar em casa; e na escola gosta de informática;
- Tem amigos na zona noroeste, perto da escola;
- Quer aprender a usar o computador;
- Não gosta da escola porque é velha;
- Acha a escola suja;
- E na sala de aula, gosta mais da decoração.
- Achou muito legal, as oficinas e gostou mais da Oficina de Argila;
- E Paz é: sem violência, sem matar, roubar e ficar todo mundo na paz.

Desenho do Caso 14



Foi questionada sobre o desenho e disse que o desenho de sem violência é o desenho das mãos representando a Paz. O símbolo das mãos é a Pomba. As unhas pintadas de azul, anéis: azul e amarelo e uma pulseira amarela no punho direito; as mãos em direção ao “céu”.

As mãos abertas indicam necessidade de afeto e inter-relacionamento. Os dedos longos podem representar um sentimento de menos valia – um mecanismo de compensação. Os anéis e pulseira podem representar uma tentativa de afirmação no campo social, narcisismo, etc. As mãos em direção ao “céu” pode ser um pedido para ser ouvida, se expressar.

4.1.1.15 Caso 15

Menino de 13 anos (Caso 15). Mora com a mãe e o pai e a irmã de 9 anos (Caso 16), que também participou da Oficina. Segundo o voluntário: *“A mãe comentou que há 5 anos atrás sofreu abuso, mas ele não lembra”*.

Não quis responder ao questionário.

Desenho do Caso 15



Não foi questionado sobre o desenho, que consiste em um campo de futebol à esquerda superior da folha, um caminho sinuoso ao lado do campo e na parte superior e à direita do papel e uma loja, peixaria com o nome em siglas e o símbolo de um peixe na fachada da loja, com uma janela à esquerda da loja e a porta à direita; a criança optou por fazer tudo somente com a cor azul claro.

Utilizou-se apenas do azul, que representa ser uma criança introvertida e que deseja caminhar pelo seu próprio ritmo. Não se deve forçá-lo e nem fazê-lo mudar de hábitos e confirma, através do desenho e das informações colhidas, que seus amigos não serão numerosos e serão ocasionais. Demonstra no desenho que se sente muito exigido.

O caminho longo e sinuoso, inicialmente indica dificuldade de relacionamento social; depois o relacionamento consegue ser estabelecido, pois o contato inicial é difícil dentro do contexto do futuro – novidade.

O desenho que sugere movimento como o campo de futebol e o caminho sinuoso indica que o menino sente fortes impulsos através de atividade motora. Em geral, parece irrequieto, instável e em pessoas de muita ação. O campo de futebol revela recreação e um passado importante.

A janela do estabelecimento aberta representa que a criança observava o momento (oficina) e as siglas de identificação deste local representa a necessidade de auto-afirmação. E a porta fechada representa auto-defesa.

4.1.1.16 Caso 16

Menina de 9 anos (Caso 16). Mora com a mãe e o pai e o irmão de 13 anos (Caso 15), que também participou da Oficina. Segundo o voluntário: *“A mãe comentou que teve derrame e ficou presa na cama por 1 ano e recentemente teve um enfarte. E também relatou que sua filha e seu filho sofreram abuso há 5 anos atrás, pelo irmão do pai”*.

Respostas do Questionário:

- Gosta de dormir em casa; e na escola gosta de estudar;
- Tem uma amiga;
- Quer aprender a ler mais;
- Não gosta das pessoas da escola;
- Acha a escola limpa;
- E na sala de aula, gosta de Matemática.
- Achou muito legal, as oficinas porque conheceu pessoas diferentes e gostou mais da Pipa;
- E Paz é: viver em harmonia.

Desenho do Caso 16

Foi questionada sobre o desenho e ela disse que é viver em harmonia.

O desenho consiste em um sol amarelo brilhante e raios: vermelho à margem superior esquerda; e o rosto do sol, com olhos, nariz, boca e bochecha em vermelho; desenhou um terreno pintado em verde água e a rua, com o tracejado em amarelo em curva, como um morro, uma montanha; e rente a esta rua, da esquerda para a direita bem ao centro da folha, um prédio rosa com janelas com vidraças, duas casas azuis de dois andares e seus telhados diagramados em preto, um outro prédio em rosa e mais uma casa de dois andares azul e outra em verde claro; todos os prédios e casas tiveram suas portas pintadas em laranja e estão todas encostadas uma nas outras; e, finalizando um menino-palito empinando uma pipa com o contorno colorido.

Desenho aderido à margem esquerda superior da folha é um indício de necessidade de apoio, modo de ação independente e falta de segurança pessoal.

A simetria nos prédios indica depressão, efeitos rígidos, mecânicos, formalistas e grotescos; compulsivos, emocionalmente fria e distante e personalidade precariamente controlada, inferioridade corporal, imaturidade emocional e dependência materna, o que combina como sol no lado esquerdo superior, pois revela o vínculo materno e ao passado; uma mãe independente que age sem levar muito em consideração os demais e uma mãe talvez envolvente em demasia – uma mãe que impõe sua vontade e controla tudo. Mas, mesmo assim, a criança sente-se alegre com essa mãe poderosa.

As portas laranja das casas e prédios mostram que deseja contato com o público controlado e o azul das casas representa que é introvertida. Os prédios rosa demonstram que procura suavidade e ternura. Deseja conhecer e ter contato só com as coisas agradáveis e fáceis. Seu lado positivo é que esta criança é adaptável e se torna bem fácil estabelecer um contato com ela.

O aspecto negativo é a sua vulnerabilidade diante das situações mais ou menos agradáveis. Sua condição de criança lhe agrada e deseja permanecer nela todo tempo que for possível o que pode denotar dificuldades na hora de acertar alguma responsabilidade.

Está na fase mais emotiva e as portas muito pequenas indicam que tem muita dificuldade em convidar pessoas para sua casa e não abre a porta para qualquer um. A maçaneta à direita mostra que é uma criança que quer mudar. Encanta-se quando falam do que vai acontecer, de excursões, etc. Necessita ser constantemente estimulada e motivada, não porque seja especialmente indolente ou preguiçosa, mas porque de algum modo, antecipa o futuro e tem certa dificuldade para firmar-se no “aqui e agora”.

Com o número grande de janelas indica muita curiosidade para saber o que ocorre ao redor dela. O homem-palito chama a atenção pelo desejo de ocultar a figura humana e a pipa no alto demonstra o mundo da fantasia.

O caminho mostra controle e tato no relacionamento interpessoal e as casas e prédios “grudados” como se fosse um muro de proteção, parece que tem muita necessidade de proteção.

4.1.2 Análise dos Questionários

A análise dos questionários revelou os resultados daquilo que as crianças gostam ou não em casa e no ambiente escolar, além do que elas acreditam ser paz.

Este item analisa as respostas de nove meninos e sete meninas de 04 a 13 anos (Gráfico 1), totalizando dezesseis crianças.

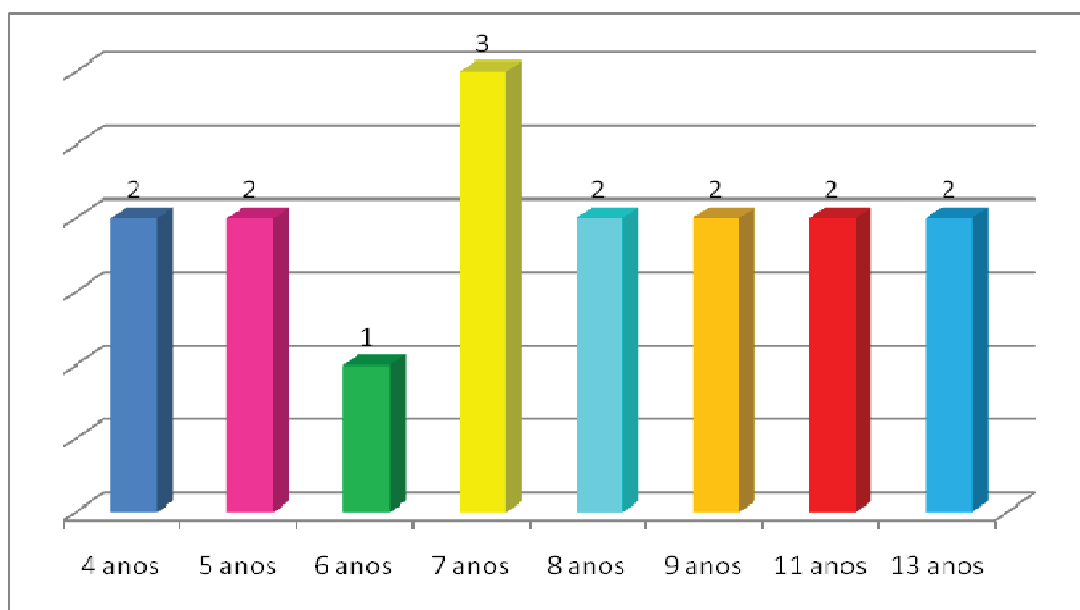


Gráfico 1. Distribuição das crianças por idade

Quanto o que as crianças gostam de fazer em casa (Gráfico 2) verifica-se que a maioria prefere brincar, outros querem fazer lição, assistir desenho, desenhar, dormir ou mesmo não fazer nada, o que revela um comportamento em que eles valorizam, principalmente brincar, mas também observa-se o compromisso com a escola, fazendo a lição ou desenhando.

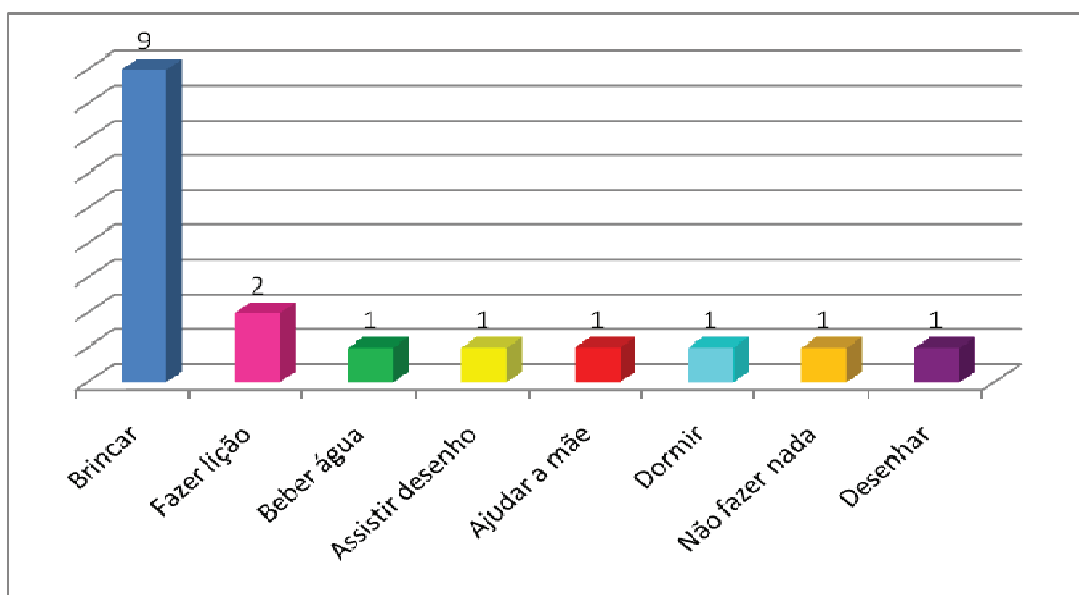


Gráfico 2. O que as crianças gostam de fazer em casa

No gráfico 3, onde aparecem as crianças na escola, a maioria prefere brincar, outros fazer lição, estudar, aprender informática, ler livro, o que indica que eles de algum modo valorizam as atividades relacionadas a escola, como estudar, fazer a lição, ler e aprender informática. Mas também associam o ambiente escolar com atividades lúdicas como jogar futebol, desenhar, pular corda, pintar.

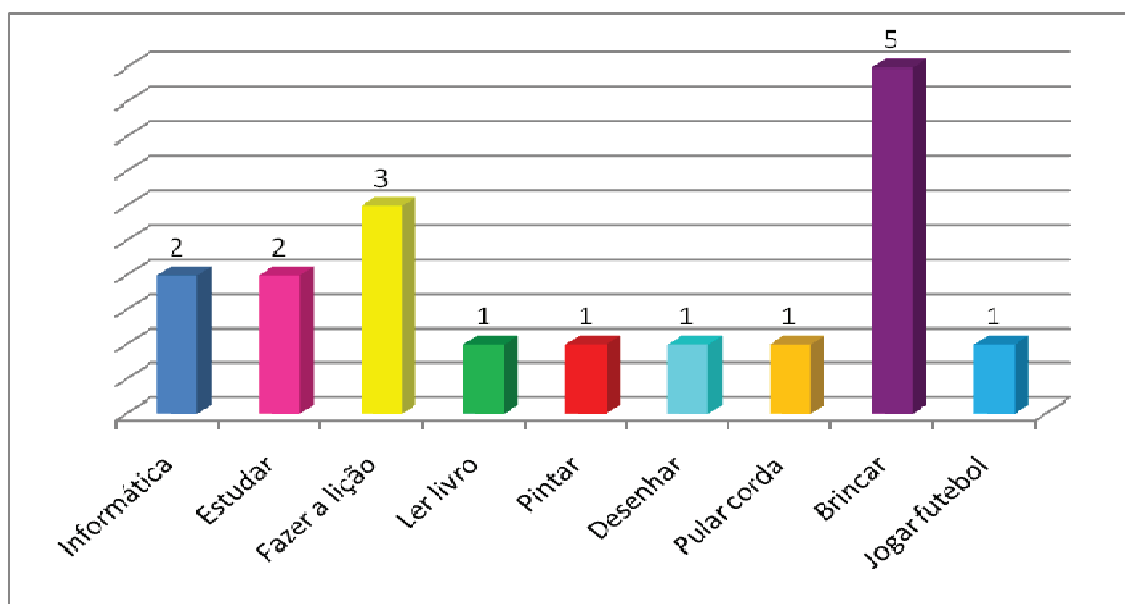


Gráfico 3. O que as crianças gostam de fazer na escola

Perguntando as crianças o que querem aprender na escola, reiteram sua resposta, ou seja, querem aprender na escola, a maioria quer ler, aprender a lição e aprender a usar o computador, além de escrever, estudar e ler (Gráfico 4). Isso revela que eles valorizam o ambiente escolar como o local onde podem aprender e se sentem seguros também para desenvolverem as atividades lúdicas, tais como pintar e aprender esportes, seja nadando, jogando vôlei e futebol. Com isso eles não revelam preocupação com a violência ou mesmo retrair perante outras pessoas. O que aparece é a associação do ambiente escolar com o lugar onde eles podem ficar a vontade, serem eles mesmos, se posicionar como indivíduo e como aluno, assim tomando a escola como referência.

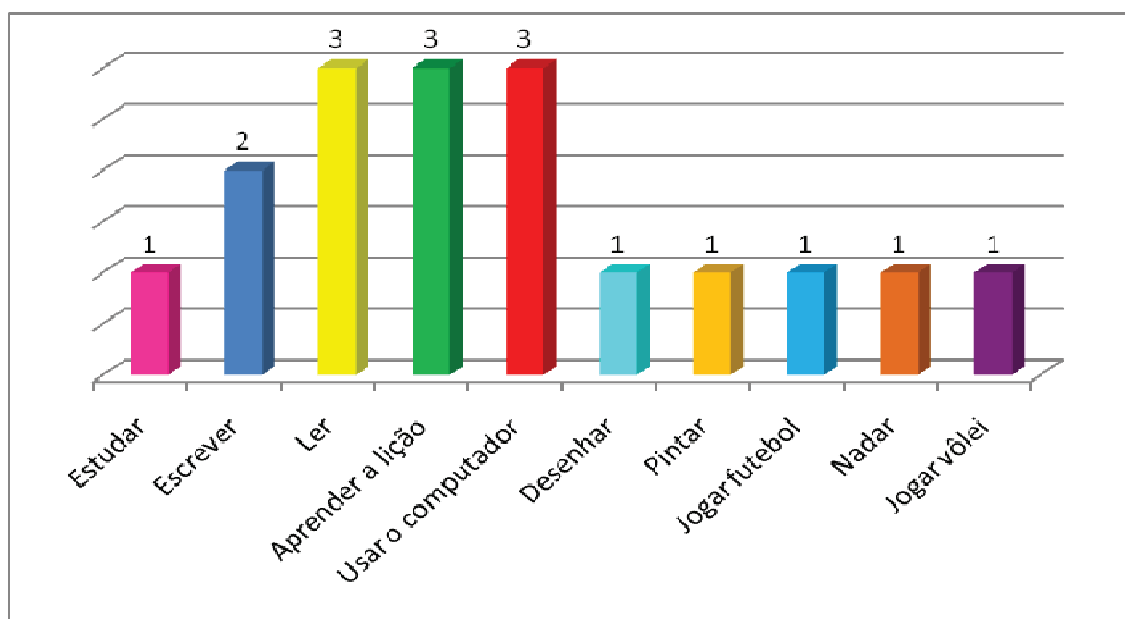


Gráfico 4. O que querem aprender na escola

Quando questionados se possuem amigos (Gráfico 5), quinze especificaram possuir amigos na escola ou no bairro, mas também mencionam irmãos e pais. Mas a maioria não especificou quem são seus amigos e apenas dois revelaram não possuem amigos. Porém os resultados desta questão não permitem concluir o que é amizade para estas crianças, pois quando mencionam pai e mãe como amigos, fica uma indagação: o que é amizade para essas crianças.

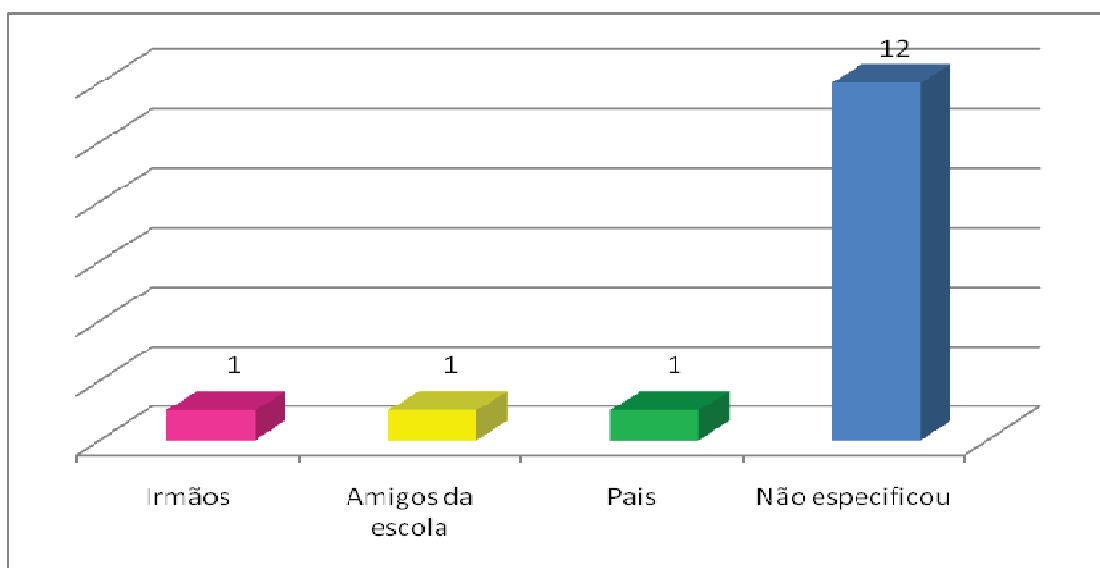


Gráfico 5. Quem são seus amigos

Outra questão é sobre o que não gostam na escola (Gráfico 6), a maioria indica que não tem o que não gosta. Vale ressaltar que dois dos dezesseis mencionaram que não gostam dos professores. Essa resposta é justificada por eles pelo fato de os professores gritarem em sala de aula e não terem paciência, chamando a atenção. Outros não gostam de apanhar ou ficar de castigo, esta é uma questão grave, qual o tipo de castigo que estão mencionando? Também mencionaram o fato da escola ser suja e destacaram ainda o fato de um aluno não gostar de ir ao banheiro sozinho e outro que os amigos “mexem”, sem especificar exatamente o que significa esse “mexer”.

A partir dessas respostas, pode-se inferir que as crianças possuem confiança no ambiente escolar como um lugar alegre, aonde podem aprender, mas ao mesmo tempo brincar. As situações de violência que relatam são isoladas, como por exemplo o professor gritar em sala de aula. Em geral, o ambiente escolar é valorizado como ambiente de paz.

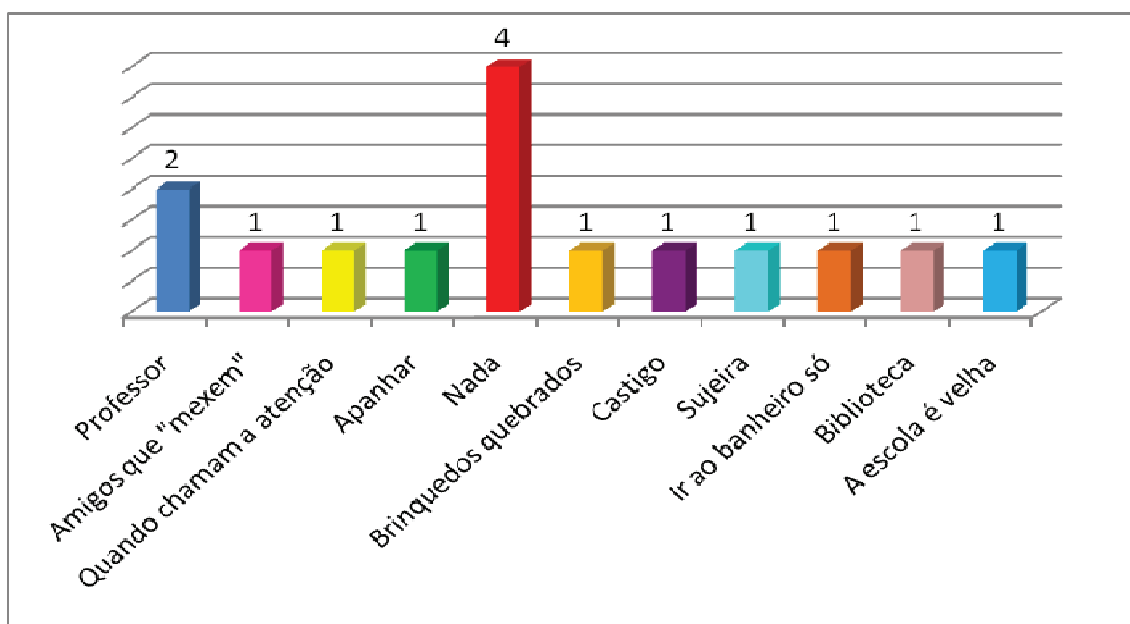


Gráfico 6. O que não gostam na escola

Se os alunos ressaltaram o que não gostam, também disseram o que mais gostam na escola (Gráfico 7), como por exemplo, fazer a lição, brincar e pintar. Outras atividades também são de preferência das crianças na escola, tais como estudar, desenhar, assistir televisão, aprender a tabuada e até a decoração da sala de aula. Dos dezesseis alunos, catorze consideram a escola limpa e apenas dois acham ela suja e “velha”. Mais uma vez é reforçado que o ambiente escolar é considerado pelas crianças como um local onde eles gostam de frequentar, apesar dos problemas encontrados, não sendo negativo como se supõe.

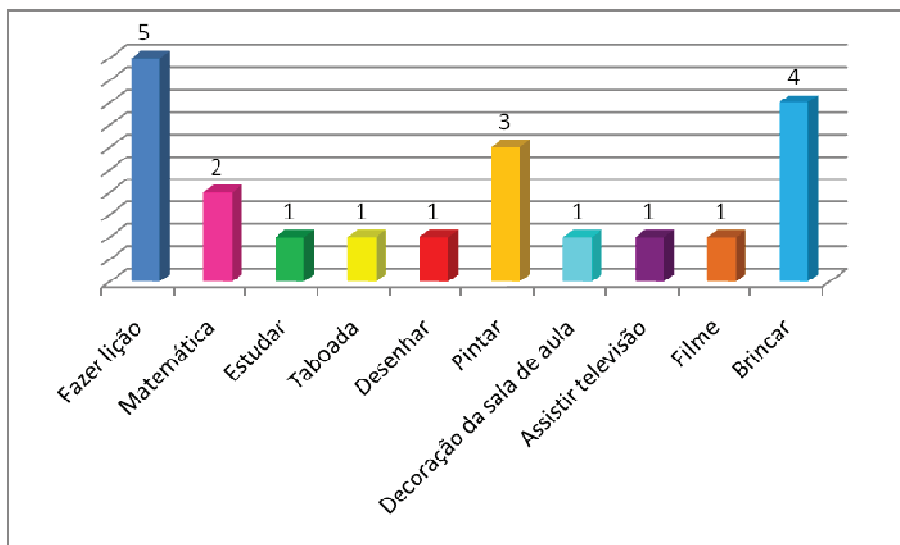


Gráfico 7. O que mais gosta na escola

Em seguida serão analisadas as respostas dos alunos sobre o que gostaram nas oficinas que participaram.

4.1.3 Análise das Oficinas

A análise das oficinas mostrou que os alunos gostam do ambiente escolar. Quando questionados a respeito das oficinas em que participaram, todos disseram ter gostado e ainda alguns enfatizaram que gostaram de fazer amigos, mencionando as oficinas preferidas (Gráfico 8). A que foi de pintar foi destacada, seguida da argila, pipa e desenho. Mostraram que as oficinas são um complemento à escola, reiterando a vontade de estarem no ambiente escolar.

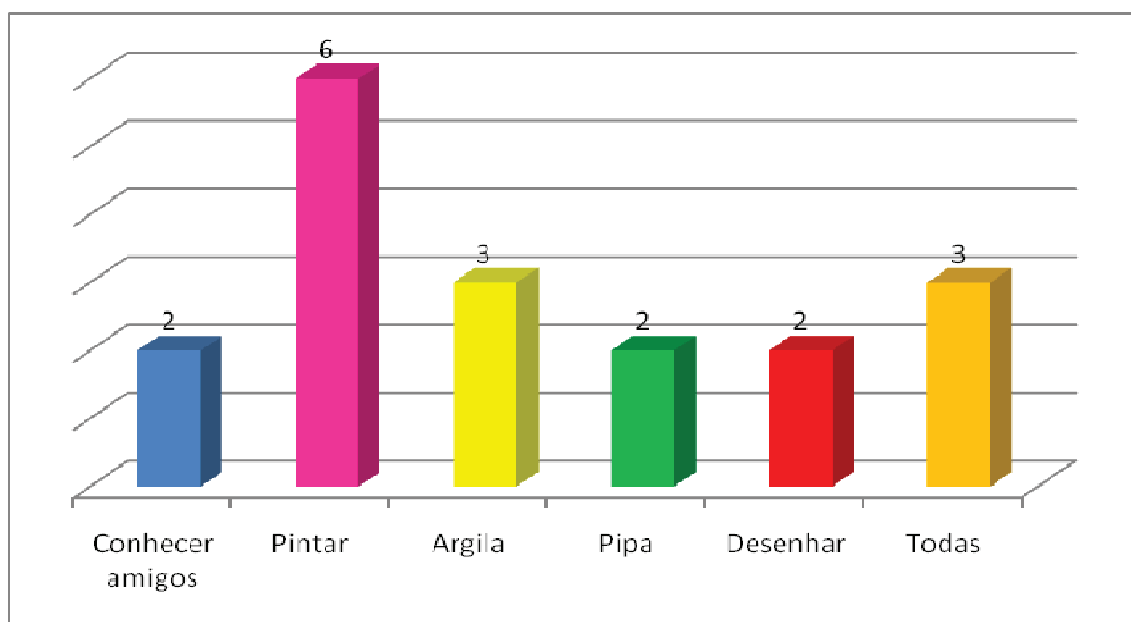


Gráfico 8. Quais oficinas mais gostou

Esses resultados não divergem do que foi analisado a partir dos desenhos, indicando que as crianças valorizam a escola como ambiente onde há paz, onde se sentem seguros.

Quanto ao entendimento do que é paz, também presente nas oficinas, as crianças não possuem as mesmas percepções (Gráfico 9). A maioria considera, por exemplo, que é não brigar, não roubar, permanecendo em harmonia, destacando-se também que as crianças consideram negativos alguns acontecimentos, como por exemplo, apanhar, roubar, brigar, mas vão também a outro extremo, que é positivo para sentimentos considerados bons, tais como alegria, harmonia, humildade, ser amigo, respeitar a mãe.

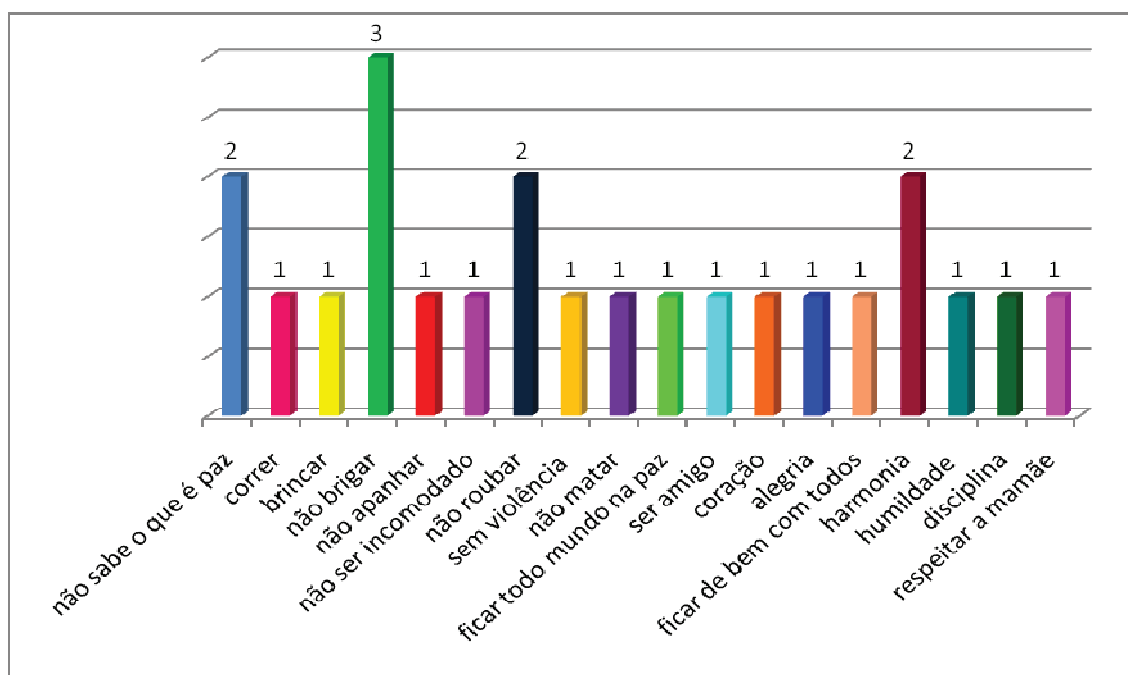


Gráfico 9. O que os alunos acreditam ser paz

Com isso, percebe-se que a noção de paz é criada pelos princípios criados na escola, na família e na sociedade em geral.

As Oficinas puderam facilitar a elaboração de conteúdos não verbais, mas um trabalho terapêutico, paralelo às oficinas, também poderia ter despertado as crianças para uma mudança, beneficiando seu bem-estar grande e benéfica para esta criança.

Em síntese, é da análise dos desenhos que se pode inferir que um próximo projeto seja concebido de maneira interdisciplinar, pois acredita-se que a oportunidade oferecida pelas oficinas poderá ocasionar momentos positivos para aumentar a auto-estima e a auto-confiança dessas crianças, possibilitando uma melhor aprendizagem para a superação dos limites sociais. Especialmente na escola, foi evidenciado tanto nos questionários como nos desenhos, como um local propício ao desenvolvimento da criança e da cultura de paz, pois é aonde se sentem a vontade e receptivas.

O que a criança acredita ser paz revelou a vulnerabilidade dela frente à violência que se apresenta no seu meio, ou seja, na família e na escola. Portanto, a escola requer projetos que possam mudar a realidade social e que a cultura de paz possa contribuir neste processo.

No diagnóstico da violência, observou-se que a realidade da criança é um dos impeditivos para a cultura de paz. Daí a necessidade de projetos conduzidos de forma multidisciplinar para que haja mudança no quadro social refletindo na vida das crianças.

A cultura tem na escola um ambiente propício para desenvolver com segurança, o comportamento de harmonia para a sociedade e a família, pois é neste ambiente que encontra-se a paz.

4.1.3.1 Comportamento dos alunos na ótica dos professores

Quanto a avaliação dos alunos do comportamento dos alunos pela ótica dos professores, utilizou-se uma classificação que varia de 1 a 8, ou seja, a dimensão 1 indica mau-comportamento, a dimensão 2 revela insegurança, a 3 indica agressividade, a dimensão 4 revela violência, a 5 indica desinteresse, a dimensão 6 sugere sociabilidade, a 7 indica indivíduo solidário e a dimensão 8 sugere um indivíduo carinhoso e cada aluno participante da pesquisa foi classificado (Tabela 2).

Tabela 2. Classificação da criança frente as dimensões de comportamento violento

Criança	Dimensão
Caso 12	1 – Mau-comportamento
Caso 1, 2, 7, 8, 10, 15	2 – Insegurança
Caso 5, 11 e 13	3 – Agressividade
Caso 6	4 – Violência
Caso 9 e 16	5 – Desinteresse
Caso 4	6 – Sociável
Caso 14	7 – Solidário
Caso 3	8 – Carinhoso

Definidas as dimensões, passou a relevância da dimensão e o caso (Tabela 2). A tabela permite inferir a visão dos professores, ou seja, como eles vêem o comportamento dos alunos, sobre a questão da violência e paz. Será que esta percepção levada para a sala de aula revela o comportamento dos alunos? Talvez haja uma contradição entre o que o professor fala e o que a criança mostrou nos resultados, pois os professores enfatizam comportamentos mais indicativos de violência do que de paz.

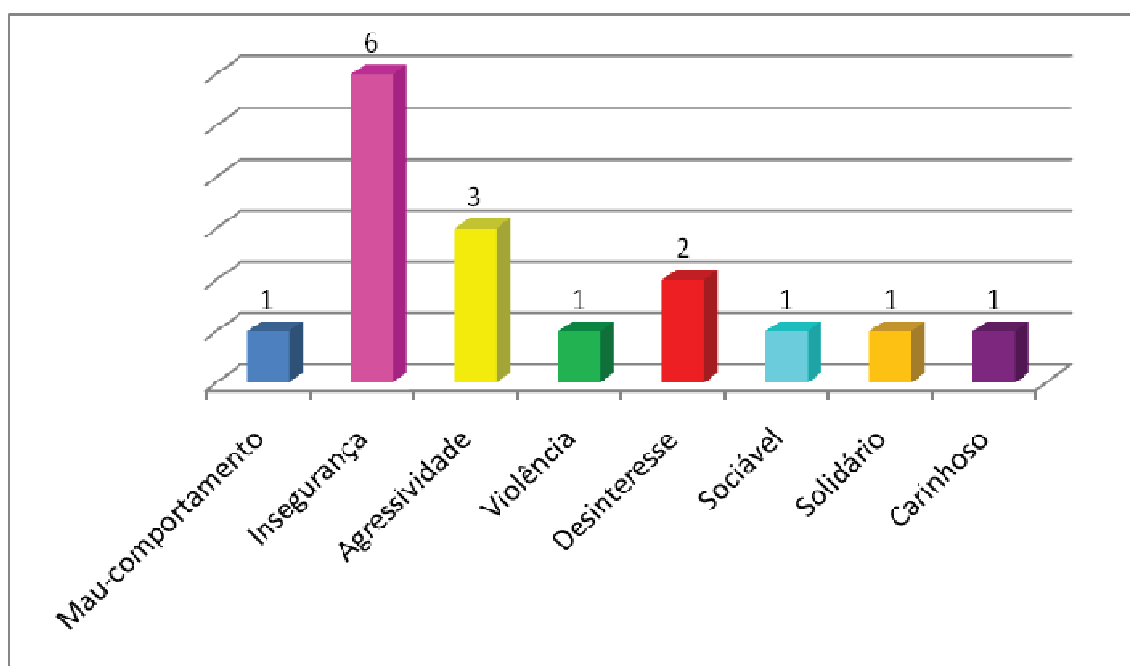


Gráfico 10. Diagnóstico da pesquisa quanto a violência ou paz

No gráfico 10 pode-se visualizar a percepção do professor em relação às crianças em sala de aula, valorizando a insegurança, a agressividade e o desinteresse. Esta visão não coincide com o que as crianças dizem ser paz, revelando um “gap” entre as duas percepções, por serem variáveis distintas.

Comparando, observa-se que os alunos que apresentam comportamentos como agressividade, insegurança e violência, são os que responderam negativamente sobre o que é paz, ou seja, não roubar, não matar, não brigar, enquanto os critérios que apresentaram respostas positivas, como alegria, humildade e harmonia, são aqueles que revelaram uma visão de paz.

Há exceção de um caso, o caso 6, onde o menino apresenta comportamento de violência, mas define paz como harmonia, humildade e disciplina, o que evidencia que as crianças entendem o conceito de paz mesmo que não saibam defini-la, a esperança está presente naquilo que vivenciam na escola e em casa.

Isso aponta para a necessidade de se conhecer os diversos lados da violência, para inserir a cultura de paz nesse processo, para construir uma sociedade mais justa a partir da escola, por se tratar de um ambiente que os alunos gostam, valorizam e se sentem em paz. Isso é diferente do ambiente em que vivem com sua família.

Como o professor, ao ingressar na escola, possui percepções próprias de seu meio que nem sempre condizem com o ambiente escolar. Isso faz com que sua visão seja pessimista, impedindo-os de visualizar a cultura de paz, influenciando positivamente o comportamento dos alunos. Ao contrário, em alguns casos, reforçam a violência, ao gritar em sala de aula e não chamar a atenção por meios pedagógicos.

CONCLUSÃO

A questão da violência e as violações aos direitos humanos no Brasil, especialmente as que atingem a vida e a integridade física dos indivíduos, são também observadas nas escolas, como uma sociedade inclusiva e, como tal, reproduz o que é dominante na sociedade em geral.

A violência pode explicar os desequilíbrios emocionais e psicológicos apresentados pelos indivíduos, afetando inclusive o ambiente escolar. Daí a necessidade de identificar os problemas sociais e sua origem, seja na família, na escola ou na sociedade em geral.

As várias formas de violência produzidas no cotidiano da sociedade, não parece indignar a comunidade, mas o convívio com esta realidade gera traumas, especialmente nas crianças, que irão repetir o padrão de comportamento que incorporaram. Esse comportamento é influenciado por uma multiplicidade de fatores evidenciando que a problemática da violência é de difícil solução, devido não apenas a sua complexidade, mas a ausência de meios para seu enfrentamento.

No Brasil, a ausência de políticas públicas, especialmente no setor educacional, para o combate às práticas sistemáticas de violência e de violação de direitos, prejudicam a disseminação da cultura de paz.

Neste sentido, é necessário detectar as causas que favorecem com que os alunos tenham atitudes de violência e sua percepção sobre o conceito de paz para elaborar um plano que possa modificar a situação das escolas.

Quando se analisa as questões que afetam diretamente as relações na escola, o comportamento de alunos e professores da pesquisa revelam que há diferença de percepção dos professores, coordenadores pedagógicos e diretores, que percebem

a violência diferentemente dos alunos, que apesar do conhecimento incipiente, possuem outra visão de sua realidade social.

O Estado é responsabilizado por estes problemas como se o governo fosse o único com deveres de resolvê-los, sem a participação da escola e da sociedade.

Com o projeto realizado na Escola Pedro Crescenti, foi possível identificar alguns traços da influência que os alunos sofrem no ambiente familiar e da escola, traduzindo atitudes e comportamentos violentos. Pode-se inferir que o ambiente escolar é o mais propício para inserir a cultura de paz, pois é aí que as crianças acreditam ser o local que gostam de estar, sentindo-se seguros para aprender, para desenvolver atividades lúdicas, brincar. Isso reflete que apenas as crianças podem aprender e se divertir com isso, diferente da realidade social no exterior da escola, onde prevalecem a agressividade e a violência.

As crianças consideram que a paz é um sentimento bom, e muitas traduzem essa percepção em atividades, como correr, brincar e outros sentimentos, tais como: alegria, harmonia e disciplina, apesar de mencionar aspectos negativos como não roubar, não matar, não brigar, também apresentam sentimentos positivos, pois acreditam que obterão a felicidade. O ambiente escolar, na visão das crianças, é um lugar de paz, apesar dos problemas que alguns vivenciam. Para o professor o foco é do comportamento agressivo, mas para o aluno, chamar a atenção e gritar em sala de aula não é uma dimensão positiva. A gestão escolar, de algum modo favorece o equilíbrio entre o ensinar e a cultura de paz, para construir uma sociedade diferente daquela que as crianças vivenciam.

A realidade social é vulnerável e os problemas apresentados afetam os alunos e a comunidade, como impeditivo da cultura de paz. Embora os alunos saibam descrever o que percebem como paz e felicidade, sua realidade social os impede de

vivenciar uma realidade diferente do que aquela que sonham. Isso reflete no modo como essas crianças irão formar sua moral e caráter, convergindo para suas atitudes futuras, o que tende favorecer a violência. Em alguns casos, os comportamentos levados para o ambiente escolar podem modificar hábitos e comportamentos violentos.

Projetos em escolas são importantes instrumentos para o combate a violência nas comunidades devido a influência destas instituições e, com parcerias dos órgãos estaduais e/ou municipais, mediante a criação de políticas públicas, que permitam atividades adequadas aos projetos pedagógicos com a participação da família, dissemina-se a cultura de paz.

Apesar das crianças entenderem o que é paz, sozinhas, não conseguem apreender a amplitude do conceito, mas podem ter a esperança para construir o futuro e interferindo na realidade social que os cerca. Assim, é necessário um trabalho para modificar a realidade social de forma construtiva e contínua, para que a geração que irá crescer possa experimentar a cultura de paz, especialmente no ambiente escolar, que se mostra o meio mais propício para sua propagação.

Apesar dos limites deste estudo, sugere-se que projetos interdisciplinares contemplem a realidade escolar e o ambiente onde está inserida, inculcando a cultura de paz como um valor.

É preciso profissionalizar a gestão de projetos, integrando profissionais para realizar uma análise completa, identificando os problemas e propondo oficinas com ênfase na cultura de paz.

A análise da educação como processo pode representar uma perspectiva nova para os problemas sócio-econômicos e culturais, que permeiam a realidade, de forma que a educação seja uma forma de mudar a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASOFFA. Associação Brasileira dos Organizadores de Festivais de Folclore e Artes Populares. Disponível em: <www.abrasoffa.org.br>. Acesso em: 08 mar. 2009.

ADAMS, David. **The History of the culture of War**, 2008

_____. **I have seen the promised Land** – a utopian novella, 2009a.

_____. **World Peace** – Through the town hall: A strategy for the global movement for a culture of peace, 2009b.

ADORNO, Sérgio. Violência: um retrato em branco e preto. In: GROSBaum, Elena et. al. (Orgs) **Violência, um retrato em branco Preto**. São Paulo: FDE, 1994. P. 17 (Série Idéias, 21).

ALÃO, Ana Paula. As mudanças na condição feminina e na família. In: REIS, António. (Dir.) **Portugal contemporâneo**. Lisboa: Pub. Alfa, 1990. v. 6.

ALENCAR, Eunice (org.) **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 1995.

AQUINO, Julio. **Confrontos na Sala de aula**: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996 a.

_____. **Indisciplina na escola** – Alternativas teórico práticas. São Paulo: Summus, 1996 b.

ARIÈS, Philippe. **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

ARREGI Goenaga, F. (1998). Los Jóvenes y la violencia. In PANTOJA (Org.). **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

ARREGI GOENAGA, F. Los Jóvenes y la violencia. In: PANTOJA, L. (Org.). **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

CABEZUDO, Alicia. Educacao para a Democracia, Cultura de Paz e Direitos Humanos. **Escola de Ciencias da Educacão Universidad Nacional de Rosario**. Disponível em: <http://www.decade-culture-of-peace.org/>. Acesso em: 02/02/2010.

CENPEC. **Pertencer**: subjetividade, socialização e saber. São Paulo: EDITORA, 1998. (Coleção Jovens e Escola Pública).

CNPP. Culture of Peace News Network. Disponível em: <www.cpnw-world.org>. Acesso em: 08 mar. 2009.

CONVENÇÃO sobre os direitos da criança. Disponível em: <http://www.giea.net/legislacao.net/internacional/convencao_direitos_crianca.htm>. Acesso em: 13 abr. 2004.

DÉCADA DA PAZ. Disponível em: <www.decennie.org>. Acesso em: 05 mar. 2009.

DELORS, Jacques et.al. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3. ed. Porto: Asa, 1996.

DICIONÁRIO da língua portuguesa. Porto: Porto, p. 1724, 2004.

DISKIN, Lia. A Não-violência como Princípio Frente à Violação de Direitos pela Ação da Violência. Não-violência, Direitos Humanos e Segurança Cidadã: um Desafio de Comunicação e Cultura. **Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência.ECO.UFRJ**. Rio de Janeiro, 09 de Novembro de 2009.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do método sociológico**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

FERMOSO, P. La violencia en la escuela: El educador – pedagogo social escolar. In PANTOJA, L. (Org.). **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

FERNANDES, Cadi. Crianças sem referências positivas. **Diário de Notícias**, Lisboa, 02 mar. 1998. Disponível em: <<http://www.dn.pt>>. Acesso em: 02 mar. 1998.

FREUD, Anna. (1926). Introdução à técnica da análise de crianças. In: FREUD, Anna. **O Tratamento Psicanalítico de Crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1971. Parte 1, p. 19-86.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo; CABEZUDO, Alicia. **Cidade Educadora**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2007.

IOV. Internationale Organization Für Volkskunst. Disponível em: www.iovworld.org. Acesso em: 08 mar. 2009.

LEITE, Maria Ruth Siffert Diniz Teixeira. Projetos Sociais como Medida de Combate à Violência nas Escolas: Um Desafio Para o Setor Educacional Brasileiro. In: **XXXII Encontro da Anpad**. Rio de Janeiro, 6 a 10 de Setembro de 2008.

MARTINS, Ana Cristina et.al. A escola na comunidade local. **Espaço S**. Revista de Educação Social. Odivelas: Instituto Superior de Ciências educativas, n. 4, jun. 2004.

MATOS, M.; CARVALHOSA, Susana F. **A violência na escola**: vítimas, provocadores e outros. Tema 2, n. 1. Faculdade de Motricidade Humana/ PEPT – Saúde/GPT da CM: Lisboa, 2001.

MILANI, F.M. (org). **Cultura de paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

PAIS, J. Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

PETRUS ROTGER, António. Concepto de educación social. In: PETRUS ROTGER, Antonio. (Coord.). **Pedagogia Social**. Barcelona: Ariel Educación, 1997.

_____. La violencia como nuevo espacio de educación. In: PANTOJA, L. (Org.). **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

PINO JUSTE, M. R. La violencia como respuesta en algunos problemas de inadaptación social: campos de acción de la educación social. In: PANTOJA, L. (Org.). **Nuevos espacios de la educación social**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1998.

PONCE ALIFONSO, Cármen. La intervención en los procesos de inadaptación social. **Revista Claves de educación social**, 1995. Disponível em : <<http://www.eduso.net>>. Acesso em: 05 maio 2004.

RASCÃO, Bruno. Sampaio critica experiências permanentes na educação. **Última Hora**, Portugal, 04 maio 2004. Público. Disponível em: <<http://ultima.hora.publico.pt>>. Acesso em: 05 maio 2004.

REDEPAZ. Disponível em: <www.redepaz.org>. Acesso em: 07 mar. 2009.

ROBIN, Gilbert. **As crianças difíceis**. Uma educação orientada. [s.l.]: Publicações Europa-América, 1974.

ROSA, Alexandre Reis; BRITO, Mozar José de. Ensaio Sobre Violência Simbólica nas Organizações. In: **I Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**, Natal/ RN, 13 a 15 de Junho de 2007.

RÚDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAMPAIO, Daniel. **Vozes e ruídos**. Diálogos com adolescentes. 9. ed. Lisboa: Caminho, 1993.

_____. **A cinza do tempo**. 3. ed. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. **Tudo o que temos cá dentro**. Lisboa: Caminho, 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p.161-178, nov.1994.

UNESCO; Instituto Ayrton Senna; Ministério da Justiça/SEDH. **Informe Mundial de Cultura de Paz**. 2004. Disponível em: <www.educared.net>. Acesso em: 07 mar. 2009.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <www.unesco.org.br>

VECHIO, Silvana. (1993). A boa esposa. In DUBY, Georges e PERROT, Michelle (Dir.). **História das mulheres**. A Idade Média. Porto: Afrontamento. v. 2, p.143-181, 1993.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. Informe da UNESCO

WEBEL, Charles; GALTUNG, Johan. **Repensando a Educação para paz**. Manual sobre Estudos de Paz e Conflitos. Tradução de Alicia Cabezedo e Magnus Haavelsrud. Obra original: Handbook on Peace and Conflict Studies. London: House Roudldedges, 2007.

WEIL, Pierre. **L'art de vivre en paix**: Manuel d'education pour une culture de la paix. UNESCO/UNIPAIX, 2001.

WESTIN, Vera Lúgia Costa; CANASSA, Marly; LEITE, Maria Ruth Siffert Diniz Teixeira; DUARTE, Vanda Catarina. Escola, Violência e Estratégias de Enfrentamento: o Projeto Escola Viva Comunidade Ativa em Belo Horizonte. In: XXXII Encontro da Anpad. Rio de Janeiro, 6 a 10 de Setembro de 2008.

Sites Consultados:

APEV. Disponível em: <http://www.apev.org.br/>. Acesso em 31.05 às 20:07hs.

CLAVES. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/departamento/claves/apresentacao>. Acesso em: 28.11 às 21:30hs.

INSTITUTO SOU DA PAZ. Disponível em: www.soudapaz.org . Acesso em 31.05 às 20:07hs.

NEV. Disponível em: <http://www.nevusp.org/portugues/>. Acesso em 02.12 às 21:43hs.

Disponível em: www.educapaz.org.br. Acesso em 25.05.2009 às 01:10hs.

Disponível em: www.vivario.org.br . Acesso em 30 de maio às 23:10hs.

Disponível em: <http://culture-of-peace.info/books/novella.pdf>. Acesso em 30 de maio às 23:10hs.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

1. Como Sr(a) percebe o comportamento dos alunos em sala de aula?

2. Na sala de aula os alunos apresentam comportamentos agressivos

☐ Sim ☐ Não

Se sim: como é esse comportamento?

3. Como se comportam no intervalo?

4. Como os alunos participam durante as aulas?

☐ Sim ☐ Não

Se sim: como é essa participação?

5. Como é a conservação do patrimônio da escola?

6. Os alunos escrevem nas paredes, portas, carteiras?

7. Os alunos usam a lixeira ou jogam o lixo no chão?

8. Como é a relação dos alunos em relação aos professores?

9. Como é a relação dos alunos em relação aos funcionários?

10. Qual a reação dos alunos ao receberem pessoas novas?

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

1. O que você gosta de fazer em casa?

2. E na escola?

3. Você tem amigos?

☐ Sim ☐ Não

Se sim: quem são?

4. O que você quer aprender na escola?

5. O que você não gosta na escola?

6. Você acha sua escola limpa?

7. O que você mais gosta na sala de aula?

8. O que você acha das oficinas?

9. Qual a que você mais gostou?

10. O que é Paz?
